



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
LENEMAR NASCIMENTO PEDROSO

DISCURSO DOS IDOSOS PARTICIPANTES DA OFICINA DA LEMBRANÇA
SOBRE AS ALTERAÇÕES COGNITIVAS E FUNCIONAIS:
ESTUDO COM BASE NA ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCESA

Palhoça (SC)

2011

LENEMAR NASCIMENTO PEDROSO

**DISCURSO DOS IDOSOS PARTICIPANTES DA OFICINA DA LEMBRANÇA
SOBRE AS ALTERAÇÕES COGNITIVAS E FUNCIONAIS:
ESTUDO COM BASE NA ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCESA**

Trabalho de Conclusão de Curso II, apresentado ao
Curso de Psicologia, da Universidade do Sul de Santa
Catarina, como requisito parcial para obtenção do título
de Psicólogo.

Orientador: Profº Maurício Eugênio Maliska, Dr.

Co-Orientador: Profº André Junqueira Xavier, Dr.

Palhoça (SC)

2011

LENEMAR NASCIMENTO PEDROSO

**DISCURSO DOS IDOSOS PARTICIPANTES DA OFICINA DA LEMBRANÇA
SOBRE AS ALTERAÇÕES COGNITIVAS E FUNCIONAIS:
ESTUDO COM BASE NA ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCESA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel em Psicologia e em sua forma final pelo Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça (SC), 20 de Junho de 2011.

Professor e Orientador: Maurício Eugênio Maliska, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Professor e Co-orientador: André Junqueira Xavier, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Professora: Tânia Vanessa Nöthen Mascarello, Msc.
Banca Examinadora

Professor: Sandro Braga, Dr.
Banca Examinadora

Dedico aos idosos que participaram da Oficina da Lembrança nesses anos, com especial carinho, para minha mãe e minha tia Cida.

AGRADECIMENTOS

Aos meus **queridos mestres** que dividiram seus conhecimentos comigo com amor e responsabilidade, fazendo com que possa escutar e compreender melhor o ser humano na sua totalidade.

Aos meus queridos amigos e colegas que compartilharam experiências nessa trajetória, em especial aos que iniciaram em 2006/b em Tubarão, aos que estão terminando em Palhoça, do Centro Acadêmico de Psicologia de Tubarão (CAPsi), do Diretório Central dos Estudantes (DCE), do Projeto Rondon, do Laboratório Experimental de Neurociências, dos projetos de extensão de que participei: Improviso da Trupe, Contos para transformar estórias, Espaço Potencial do Pensar, Vovô em Ação e da Oficina da Lembrança.

Aos meus familiares, mãe, pai (*in memoriam*), irmão, cunhada, sobrinhas, avós e avôs (*in memoriam*), tias, tios, primas, primos, pelo carinho e incentivo que, mesmo presentes ou não, contribuíram no meu processo discursivo.

Agradeço à instituição que proporcionou esse espaço de aprendizado e de conquistas!!!

Muito obrigada!

“[...] Quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que: elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio fala por elas; elas significam.” (ORLANDI, 2002, p. 14).

RESUMO

Estima-se que, em 2020, o Brasil terá a sexta maior população idosa no mundo. Nesta perspectiva, considera-se importante analisar e discutir a temática do envelhecimento, do ponto de vista psicológico, bem como entender a crescente demanda de profissionais que atuam nas áreas da gerontologia. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo analisar o discurso dos idosos participantes da “Oficina da Lembrança” em relação às suas possíveis alterações cognitivas e funcionais, interpretando-o a partir da Análise de Discurso. O material selecionado para o *corpus* desta análise foi constituído pelo discurso de 40 sujeitos, produzidos ao final de cada atividade, que passaram pelo programa interventivo de estimulação e reabilitação neuropsicogeriatrica “Oficina da Lembrança”, mediado por computador e Internet, no ano de 2010, nos municípios de Florianópolis e Palhoça. A interpretação dos dados foi inspirada na Análise de Discurso, de linha Francesa, alicerçada por três domínios disciplinares, a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, focando nas contribuições de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Por meio do discurso dos idosos, explicitam-se reflexões a respeito das suas condições de produção; identificam-se algumas formações imaginárias a respeito do computador; discorre-se sobre as formações discursivas e ideológicas, bem como da memória discursiva e o entremeio. Articula-se a esses conceitos alguns temas, como, por exemplo, inclusão digital, jogos, memória e convívio social. Analisam-se também as relações de poder entre o idoso e os familiares que se instalam quando o idoso passa a usar o computador. Reflete-se, ainda, sobre o não-dito, o silêncio fundador ou fundante, no que tange ao assunto sexualidade, trazendo a censura e a moral para a discussão. Assim, utiliza-se a Análise de Discurso como possibilidade de captar alguns sentidos implícitos no discurso dos sujeitos, através da interpretação da linguagem, procurando mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, e que os discursos estão sempre acompanhados da história, do contexto e das condições de produção daquele que se expressa e é expresso no e pelo discurso.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Idoso. Oficina da Lembrança. Reabilitação Cognitiva.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Caracterização da amostra	31
---	----

LISTA DE SIGLAS

AD - Análise de Discurso

AVDs - Questionários de Atividades Diárias

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

DI - Dispositivos Interativos

FD - Formações Discursivas

MEEM - Mini Exame do Estado Mental

NUPE(TI)² - Núcleo de Pesquisa da Terceira Idade e Tecnologias da Informação

RC - Reabilitação Cognitiva

RCV - Reabilitação Cognitiva Virtual

SACs - Sistemas de Auxílio Cognitivo

Uniexperiência - Universidade da terceira idade

UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 PROBLEMÁTICA	10
1.2 OBJETIVOS	12
1.2.1 Objetivo geral	12
1.2.2 Objetivos específicos	12
1.3 JUSTIFICATIVA	12
2 MARCO TEÓRICO	14
2.1 ANÁLISE DE DISCURSO	14
2.2 ENVELHECIMENTO	16
2.2.1 Capacidade funcional e cognitiva	18
2.3 NEUROPSICOLOGIA	20
2.4 REABILITAÇÃO COGNITIVA E FUNCIONAL	21
3 OFICINA DA LEMBRANÇA	24
3.1 DESCRIÇÃO DAS OFICINAS	26
4 MÉTODO	30
4.1 NATUREZA E TIPO DE PESQUISA	30
4.2 SUJEITOS	30
4.3 INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA A COLETA DE DADOS	31
4.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	32
4.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	33
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	35
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	76
APÊNDICE A - Declaração de ciência e concordância das instituições envolvidas	77
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	78
APÊNDICE C - Consentimento para fotografias, vídeos e gravações	80

1 INTRODUÇÃO

Este estudo refere-se à pesquisa da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL e está vinculada ao Núcleo Orientado em Psicologia e Saúde. Tem como título “Discurso dos idosos participantes da Oficina da Lembrança sobre as alterações cognitivas e funcionais: estudo com base na Análise do Discurso de linha francesa”; foi desenvolvido com base nos dados coletados no estágio não obrigatório de Psicologia, e no projeto de extensão ‘Vovô em ação’, na Ponte do Imaruim, Palhoça (SC), pela pesquisadora, que utilizou a metodologia da ‘Oficina da Lembrança’.

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar o discurso dos idosos participantes da ‘Oficina da Lembrança’ sobre as alterações cognitivas e funcionais, interpretando-o a partir da Análise de Discurso de linha francesa. Por meio dos objetivos específicos, identificam-se os discursos, e posteriormente, articulam-se os mesmos a respeito das possíveis alterações do estado cognitivo e da capacidade funcional dos idosos participantes desse programa interventivo.

Nesse sentido, o sujeito-leitor encontrará neste trabalho, em seu primeiro capítulo, a introdução, objetivo geral, objetivos específicos e a justificativa. O segundo capítulo contempla o marco teórico, que discorrerá sobre os seguintes temas: Análise de Discurso, envelhecimento, capacidade cognitiva e funcional do idoso, neuropsicologia, reabilitação cognitiva e funcional do idoso. No terceiro capítulo, apresenta-se o programa interventivo ‘Oficina da Lembrança’. No quarto capítulo, aborda-se a descrição do método utilizado. O quinto capítulo é constituído pela análise e discussão dos dados, agrupados conforme os objetivos específicos da pesquisa. E, por fim, o sexto capítulo apresenta as considerações finais da pesquisa.

1.1 PROBLEMÁTICA

Atualmente, no Brasil, a pirâmide etária está se alterando rapidamente. A participação de indivíduos com mais de 60 anos aumentou de 5,1%, em 1970, para 8,6% em 2000, fazendo com que a forma piramidal de antes desse lugar a uma retangular. Isso

demonstra a geriatria populacional. (WONG; CARVALHO, 2006). Em 2020, o Brasil terá a sexta maior população idosa no mundo com cerca de 32 milhões de idosos. (LIMA-COSTA; VERAS, 2003).

A saúde do idoso, por um lado, na visão da gerontologia, passa pela autonomia, a capacidade deste idoso em gerir a sua própria vida, decidindo quando, onde e como se darão suas atividades sociais de lazer e de trabalho. Nesse caso, importa menos quantas doenças essa pessoa possua, quando tratadas adequadamente haverá maior chance de manutenção ou recuperação da autonomia, sendo produtiva de alguma forma. Por outro lado, existem agravos crônicos que comprometem o funcionamento social, geram sedentarismo, diminuição da capacidade cognitiva, diminuição da autoestima e abandono de autocuidados. (RAMOS, 2003).

Buscando a prevenção primária, secundária e talvez a terciária das alterações cognitivas no idoso, surge o papel da Reabilitação Cognitiva (RC). Segundo a Organização Mundial de Saúde (apud SOHLBERG; MATEER, 1989), esta compreende as medidas que têm por objetivo minimizar as desigualdades e condições desvantajosas de pessoas com desabilidade para reduzir as distâncias e alcançar o máximo de integração social.

Este processo de RC pode ser aplicado por meio de sistemas computacionais em rede, em que as informações são armazenadas facilmente, no entanto a duplicação, bidirecionalidade e distribuição dessas informações e conhecimento se dão de forma síncrona e assíncrona. Como método para este tipo de intervenção, encontra-se a Tele-Reabilitação Cognitiva, que consiste em um meio de inclusão social e digital por meio de Sistemas de Auxílio Cognitivo (SACs), através dos quais os déficits cognitivos podem ser compensados pela interação com sistemas computacionais para otimizar as capacidades humanas, com ênfase em problemas cognitivos. (XAVIER; RAMOS, 2002).

Uma forma de trabalhar os déficits cognitivos por meio de computadores e internet seria utilizar o programa de reabilitação e estimulação cognitiva para idosos “Oficina da Lembrança”, que é uma metodologia desenvolvida por Xavier¹ (2007), vinculada a atividades de extensão universitária e ao Núcleo de Pesquisa da Terceira Idade e Tecnologias da Informação (NUPE(TI²)) da Capes.

Sendo assim, tem-se o interesse em analisar os discursos dos idosos participantes da ‘Oficina da Lembrança’ sobre as possíveis alterações cognitivas e funcionais que podem ser interpretadas a partir da teoria da Análise de Discurso de linha francesa.

¹ O funcionamento da “Oficina da Lembrança” será descrito no terceiro capítulo.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Analisar o discurso dos idosos participantes da ‘Oficina da Lembrança’ sobre as alterações cognitivas e funcionais, interpretando-o a partir da Análise de Discurso.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Identificar o discurso dos idosos que participaram da ‘Oficina da Lembrança’ a respeito das possíveis alterações no estado cognitivo;
- b) Investigar o discurso dos idosos que participaram da ‘Oficina da Lembrança’ a respeito das possíveis alterações na capacidade funcional;
- c) Articular os discursos sobre o estado cognitivo e capacidade funcional dos idosos participantes da ‘Oficina da Lembrança’.

1.3 JUSTIFICATIVA

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial progressivo, a cada dia a perspectiva de vida se amplia. Em decorrência desse aumento de longevidade, cresce também a prevalência de doenças crônicas e incapacitantes. Consequentemente, a saúde passa a ser avaliada conforme a preservação da capacidade funcional e cognitiva, e não mais pela presença ou não de doenças como era feito anteriormente. Isso quer dizer que importa menos se o idoso tem ou não uma ou mais doenças crônicas que a autonomia para gerir sua própria vida. (RAMOS, 2003).

Dessa forma, esta pesquisa traz reflexões sobre o trabalho do psicólogo dentro deste abrangente universo, onde, ainda, percebe-se certo distanciamento com esta temática. Testemunha disso é que os projetos pedagógicos e a própria formação em psicologia,

historicamente, acabaram focando muito mais a formação para atender demandas de mercado e preparando pouco os futuros profissionais para lidarem com necessidades sociais ainda desconhecidas. Provavelmente a gerontologia pode ser considerada dentre essas questões ainda pouco conhecidas. (KIENEN, 2008). Em decorrência dessa lacuna, esta pesquisa pode ser relevante do ponto de vista acadêmico por abordar aspectos psicológicos na estimulação e reabilitação cognitiva em idosos.

Outro olhar importante desta pesquisa é a reflexão sobre o próprio programa de estimulação e reabilitação cognitiva ‘Oficina de Lembrança’, possibilitando conhecer as ações que compreendem a sua característica dual e interativa entre Psicologia e Medicina. Este trabalho também tem relevância por fornecer o olhar qualitativo para somar-se às 17 publicações científicas quantitativas realizadas sobre a ‘Oficina da Lembrança’ como objeto de estudo². Esses trabalhos já realizados carecem da análise dos aspectos psicológicos e da análise do discurso dos idosos, que foram coletados junto com as variáveis quantitativas. Sendo assim, esta pesquisa irá trabalhar os aspectos cognitivos e funcionais dos idosos pela teoria da Análise de Discurso de linha francesa, promovendo esta visão integradora e necessária entre a geriatria e a gerontologia.

Esta proposta mobiliza novas ideias e métodos, onde computadores são transformados em instrumentos de promoção de saúde, pois ao se pensar nos ganhos para a comunidade, podem-se visualizar os profissionais da área da saúde aprendendo ou aprimorando o uso dessas novas ferramentas digitais, vivenciando as necessidades e características gerais do público idoso.

Nesse contexto, percebe-se a importância de analisar o discurso dos sujeitos-idosos que passaram pelo programa ‘Oficina da lembrança’, possibilitando levantar hipóteses interpretativas, a respeito das possíveis alterações nos aspectos cognitivos e funcionais, utilizando para isso os dispositivos teóricos da Análise de Discurso, tais como condições de produção, formações discursivas e ideológicas, memória discursiva, formações imaginárias, entremeio, silêncio, entre outros.

² TCCs, Tese de doutorado, Pesquisas de Iniciação Científica (PUIC, PMUC), Projetos de extensão, publicações de trabalhos em congressos internacionais 2009, 2010 e 2011 (*International Conference Alzheimer's Disease - ICAD*), entre outros.

2 MARCO TEÓRICO

Este capítulo visa discorrer sobre as teorias que sustentam esta pesquisa e que se apresentam em quatro seções: a primeira explana uma revisão breve da teoria da Análise do Discurso, discutindo aspectos acerca da linguagem, entremeio, formação discursiva e memória discursiva; a segunda refere-se ao envelhecimento, abordando conceitos, dados epidemiológicos e enfatizando, numa subseção, a capacidade funcional e o estado cognitivo; a terceira seção traz sucintamente a neuropsicologia como sendo um dos ramos da Psicologia; e a quarta seção tem como foco discutir a reabilitação cognitiva/funcional no idoso.

2.1 ANÁLISE DE DISCURSO

Por meio da linguagem é que o sujeito expressa-se nas mais variadas situações de interação com outros, constituindo-se e possibilitando, ainda, incluir-se em formações discursivas. A linguagem permite, também, que o sujeito materialize as manifestações inconscientes, incorporando crenças e absorvendo valores de um determinado contexto histórico. A linguagem manifestada oralmente propicia que o sujeito se realize enquanto sujeito do inconsciente e enquanto sujeito do determinado discurso.

A Análise do Discurso (AD) de linha francesa reconhece que “é pelo discurso que melhor se compreende a relação entre linguagem/pensamento/ mundo, porque o discurso é uma das instâncias materiais concretas dessa relação.” (ORLANDI, 2007, p. 12).

De acordo com Orlandi (2009, p. 15), a AD não diz respeito à língua nem mesmo à gramática, embora estes temas também lhe interessem. “A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” Compreende-se, então, que a Análise de Discurso trata do discurso em si, concebendo a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.

A AD se interessa pela linguagem tomada como prática: mediação, trabalho simbólico, e não instrumento de comunicação. É ação que transforma, que constitui identidades. Ao falar, ao significar, eu me significo. Aí retorna a noção de ideologia,

junto à idéia de movimento. Do ponto de vista discursivo, sujeito e sentido não podem ser tratados como já existentes em si, como a priori, pois é pelo efeito ideológico elementar que funciona, como se eles já estivessem sempre lá. (ORLANDI, 2007, p. 28).

Orlandi (2007) elucida, ainda, que a AD aborda os vários efeitos de sentidos do discurso capazes de significar e re-significar, estabelecendo relações entre língua, discurso e ideologia. No discurso percebe-se a relação entre língua e ideologia, entendendo como a língua produz sentidos por/para os sujeitos, permitindo analisar unidades além da frase ou do dito. Desta forma, percebe-se que a AD produz um conhecimento tendo como base o próprio texto, porque o vê como uma materialidade simbólica própria, significativa com uma espessura semântica, concebendo sua discursividade.

A análise de discurso é uma posição enunciativa que é também aquela de um sujeito histórico (seu discurso, uma vez produzido, é objeto de retomada), mas de um sujeito histórico que se esforça por estabelecer um deslocamento suplementar em relação ao modelo, à hipótese de sujeito histórico de que fala. (ACHARD et al., 1999, p. 17).

Nesta perspectiva, faz-se necessário explanar um pouco mais sobre estes pressupostos teóricos. “Nos anos 60, a AD se constitui no espaço de questões criadas pela relação entre três domínios disciplinares que são ao mesmo tempo uma ruptura com o século XIX: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.” (ORLANDI, 2009, p. 19).

A Linguística é uma ciência recente que se iniciou no século XX, definindo-se com sucesso entre as Ciências Humanas, como estudo científico que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana (ORLANDI, 1986). Ressalta-se, ainda, que a Linguística passa pelos mecanismos sintáticos e pelos processos de enunciação. O Marxismo se baseia nas teorias das formações sociais e suas transformações. Já a Psicanálise utiliza-se do real, do simbólico e do imaginário, permeando e constituindo o sujeito, por meio do inconsciente.

Na elaboração da Análise do Discurso (AD), Pêcheux (2002, p. 07) propõe “uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito [...] é a arte de refletir nos entremeios.”

O entremeio é fundamentado por estas três disciplinas, que foram apontadas anteriormente. Torna-se presente também na incompletude do sujeito, na ausência/presença, no que é dito e o que é silenciado, visto que, por meio da articulação da ideologia e do inconsciente, este sujeito não se caracteriza pela origem do dito, mas se constitui por discursos antes produzidos. Marcado pela contradição entre liberdade e submissão, admite os

efeitos do inconsciente, produzindo sentidos diversos, abertos, alteráveis, flexíveis, incompletos.

Na visão de Orlandi (2007), tudo que é dito e o que é silenciado manifestam uma semelhança mútua entre os traços ideológicos. Estes não estão nas palavras proferidas, mas na discursividade.

Outro ponto importante da AD é a ligação entre o mesmo e o diferente. Isso ocorre constantemente devido às condições de produção de efeitos de sentido que acontecem em decorrência tanto de um contexto imediato quanto de um contexto mais abrangente envolvendo as questões ideológicas. Pensando por esse viés, precisa-se considerar que qualquer variante se torna constitutiva de significação. De acordo com o autor citado acima (2007), estes contextos são contrastantes e encontram-se em níveis diferentes, estabelecendo ao mesmo tempo interação e conflito, mesclando o linguístico (produto) e o discursivo (processo).

Neste sentido, é relevante discorrer sobre formação discursiva (FD), citada inicialmente, pois os sentidos não se mostram finalizados e/ou prontos nas palavras, mas sim construídos em decorrência da relação estabelecida com diversas palavras e expressões. Pêcheux (1997) corrobora essa informação quando diz que os sentidos são constituídos nas relações que as palavras, expressões ou proposições mantêm em si, inseridos em uma mesma FD. Este conceito pontua que a FD produz certo grau de homogeneidade sobre os discursos, pois é envolta por uma série de sentidos acerca de determinado grupo de significantes, atendendo a interesses específicos de certo segmento social. “A definição de formação discursiva diz que ela delimita ‘aquilo que pode e deve ser dito por um sujeito em uma posição discursiva em um momento dado em uma conjuntura dada’.” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1975, p. 62).

A memória discursiva é outro ponto fundamental nesta pesquisa, pois contribui selecionando, de certa forma, os sentidos conservados ou esquecidos no arquivo discursivo, sendo este repositório de sentidos regulado pela memória. Para a AD, a memória é o interdiscurso, é o saber discursivo que faz com que, ao falar, as palavras façam sentido. Ela se constitui do já-dito que possibilita todo dizer. (ACHARD et al., 1999).

2.2 ENVELHECIMENTO

Na visão de Kalache (1987), o declínio crescente na taxa de fecundidade e o aumento da expectativa de vida projetam para 2050 uma população mundial de 09 (nove) bilhões, e o número de idosos poderá atingir 02 (dois) bilhões (350% a mais do que é hoje). Nos países desenvolvidos, esse aumento será de 50%, isto é, passará de 200 milhões para 300 milhões. No Brasil, essa população possivelmente saltará de 400 milhões para 1,7 bilhões (450% a mais).

Dessa forma, o envelhecimento é um assunto que vem sendo muito discutido, tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento. (KALACHE; VERAS; RAMOS, 1987). No Brasil, o envelhecimento populacional se mostra como um fenômeno que cresce cada vez mais, com a perspectiva de vida aumentando e, em função disso, possivelmente, a sociedade passará por grandes modificações.

Segundo Zimerman (2000), essas modificações envolvem a tecnologia que avança, os meios de comunicação com fatos e dados em excesso, uma vida ainda mais caótica, o tempo cada vez menor e as condições econômicas são mais difíceis, principalmente à medida que as pessoas vivem mais. Isso tudo exige uma capacidade de adaptação que os idosos nem sempre possuem, fazendo com que essas pessoas enfrentem diversos problemas sociais.

Assim, este envelhecimento populacional vivido pela maioria das sociedades do mundo não é sinônimo de saúde para todos. Um número expressivo de pessoas atinge anualmente uma faixa etária onde a prevalência de doenças crônicas progride exponencialmente. Isso quer dizer que, ao mesmo tempo em que existe um aumento da longevidade, há também um crescimento da morbidade e muitas pessoas vivem seus últimos anos dependentes, limitadas, isoladas e incapazes de gerir suas próprias vidas. (XAVIER; SIGULEM; RAMOS, 2007).

Atualmente, cerca de quase 12% dos brasileiros têm idade igual ou superior a 60 anos, sendo considerados idosos. Estudos epidemiológicos mostram que os idosos têm uma alta prevalência de doenças crônicas, em que mais de 10% referem pelo menos 5 doenças crônicas. Este alto índice de comorbidades entre idosos resulta em elevada prevalência de incapacidades físicas e mentais. (LIMA-COSTA; VERAS, 2003).

De acordo com Ramos (2005, p. 05):

Epistemologicamente, a morte é associada à doença física, em uma concepção, em geral válida, de que as pessoas doentes morrem mais. No entanto, os estudos sobre determinantes de mortalidade em idosos têm mostrado que as doenças crônicas referidas ou diagnosticadas não afetam significativamente o risco de morte,

provavelmente em razão da variabilidade com que a doença afeta a capacidade funcional.

Neste sentido, Ramos (2005) salienta que o fator central de risco para mortalidade continua sendo a própria idade, pois quanto mais se vive a chance de morte aumenta.

Dentro deste contexto, entende-se que envelhecer é um processo natural, caracterizando uma fase na vida do homem, onde coexistem as condições físicas, genéticas, psicológicas, sociais, culturais e ambientais. Sendo assim, esta nova fase necessita de um olhar mais profundo, possibilitando ao idoso gozá-la com uma qualidade de vida satisfatória e com autonomia.

2.2.1 Capacidade funcional e cognitiva

Em decorrência do envelhecimento populacional, pesquisadores e profissionais da área da saúde estão cada vez mais interessados em conhecer novas formas que possibilitem um envelhecimento saudável, tornando-o acessível à sociedade. Uma destas formas que vêm se mostrando com destaque é a capacidade funcional.

Para Carvalho e Barboza (2008, p. 24), a capacidade funcional (CF) do idoso:

[...] pode ser definida pela ausência de dificuldades no desempenho de algumas atividades da vida diária. Os conceitos fazem parte de um sistema de Classificação Internacional de Comprometimento, Incapacidades e Desvantagens (ICIDH) da World Health Organization (WHO).

Segundo Ramos (2003), a capacidade funcional do idoso surge como um valor ideal, podendo viver independente, realizando suas atividades físicas e mentais indispensáveis para a manutenção de suas atividades básicas, como: tomar banho, vestir-se, realizar higiene pessoal, transferir-se, alimentar-se, manter a continência, preparar refeições, ter o controle financeiro, tomar remédios, fazer compras, arrumar a casa, usar o telefone, caminhar certa distância, etc.

Por outro lado, o aumento populacional de idosos mobiliza maior probabilidade de ocorrência de doenças crônicas e, conseqüentemente, gera o desenvolvimento de incapacidades associadas ao envelhecimento. (RICCI; KUBOTA; CORDEIRO, 2005).

Rosa et al. (2003, p. 41) argumenta que “a incapacidade funcional define-se pela presença de dificuldade no desempenho de certos gestos e de certas atividades da vida cotidiana ou mesmo pela impossibilidade de desempenhá-las.” Neste sentido, entende-se que, em decorrência do envelhecimento, existe uma queda da capacidade funcional da pessoa idosa, tornando-a dependente em algumas atividades realizadas no dia-a-dia.

Em relação à capacidade cognitiva, pode-se elucidar que esta indica uma condição na qual as funções encefálicas, em particular o desempenho intelectual, possibilitam ao indivíduo desenvolver sua capacidade funcional bem como a sua autonomia. O inverso disso, a incapacidade cognitiva, demonstra certo comprometimento, podendo atingir sua independência funcional e autônoma. (GUIMARÃES; CUNHA, 2004).

Guimarães e Cunha (2004, p. 04) ressaltam ainda que:

[...] os casos de insuficiência cognitiva não podem ser considerados irremediáveis. A confusão aguda mental, por exemplo, é uma situação compatível com as mais diferentes formas de disfunção orgânica registradas em outras partes do corpo, que não o encéfalo, podendo mesmo ser a manifestação solidária de um processo infeccioso oculto. Também a depressão pode comprometer a cognição.

A capacidade funcional e o estado cognitivo são essenciais para a manutenção da saúde dos idosos. Estas variáveis possuem a característica de bom acesso e fácil reprodutibilidade, além de serem susceptíveis à intervenção, ao contrário de outras variáveis como idade e sexo, que não podem ser modificadas. (XAVIER; SIGULEM; RAMOS, 2007).

Somando-se a isso, as relações sociais podem ter um papel essencial para manter ou mesmo promover a saúde física e mental. Os efeitos positivos do suporte social estão associados à utilidade de diferentes tipos de suporte capazes de fazer com que as pessoas idosas se sintam amadas e seguras para lidar com problemas de saúde e tenham autoestima elevada. (RAMOS, 2002).

O sucesso do envelhecimento saudável depende da capacidade funcional que uma pessoa mantém durante toda a vida, pois é resultante da interação multidimensional entre saúde física, saúde mental, independência na vida diária, integração social, suporte familiar e independência econômica. (RAMOS, 2003).

Sendo assim, percebe-se uma grande associação entre estado cognitivo e a capacidade funcional em idosos. Portanto, a manutenção da capacidade cognitiva e funcional pode ter importantes implicações na qualidade de vida dos idosos, mesmo na presença de comorbidades. Além disso, ainda devem ser valorizados os componentes psíquicos, sociais, entre outros, rompendo com os limites da simples abordagem das doenças.

Nesta perspectiva, percebe-se o envelhecimento como um fenômeno que necessita de um olhar diversificado, ou seja, multidimensional, sendo importante avaliar estratégias que promovam a saúde dos idosos, considerando variáveis de distintos campos de saber. Percebe-se, ainda, a importância de se usar um modelo de avaliação geriátrica amplo, que não se limite apenas ao nível da atenção. A reabilitação cognitiva e funcional entram neste cenário como medidas de promoção e prevenção que variam da atenção básica à atenção especializada.

2.3 NEUROPSICOLOGIA

O reconhecimento da neuropsicologia como um campo específico das neurociências é fenômeno um tanto quanto recente no Brasil. Herculano-Houzel (2008, p. 03) define neuropsicologia como “o ramo da psicologia que lida com a relação entre o sistema nervoso, especialmente o cérebro, e funções cerebrais e mentais como a linguagem, a memória e a percepção.”

A resolução nº 002/2004, do Conselho Federal de Psicologia (2004), regulamenta a prática da neuropsicologia (diagnóstico, acompanhamento, reabilitação e pesquisa) como especialidade em psicologia e reconhece, através de registro e titulação, os profissionais especializados nestes campos de atuação.

Lezak (1995) diz que “a neuropsicologia é uma ciência voltada para a expressão do comportamento por meio das disfunções cerebrais e ampara-se na avaliação do funcionamento cerebral.” (apud ANDRADE; SANTOS; BUENO, 2004, p. 19).

Em relação ao envelhecimento e à neuropsicologia, os autores citados acima (2004) ressaltam que o interesse e o número de estudos geriátricos e gerontológicos vêm crescendo. Desvelam, também, que são inúmeros os fatores que diminuem a adaptação dos vários órgãos, ocasionando modificações bioquímicas, morfológicas e fisiológicas numa cascata de eventos que são conhecidos e outros que ainda estão sendo estudados pela ciência. Reforçam, por fim, que a neuropsicologia estuda a influência desses processos sobre o sistema nervoso e suas consequências funcionais, tendo como metas avaliar o funcionamento cognitivo do idoso; determinar o tipo e o grau de incapacidade funcional (quando houver) e estabelecer um programa de reabilitação.

Nesse sentido, entende-se que o objetivo central da neuropsicologia é obter a inferência das características estruturais e funcionais do cérebro e do comportamento em

situações de estímulo e de respostas definidas. Isso se dá pelo processo de avaliação que pode ser representado por meio de duas grandes questões: saber quais são as funções comprometidas e conhecer os aspectos comportamentais que podem minimizar expressões psicológicas indesejáveis e/ou inadequadas.

Por muito tempo foi comum pensar que o cérebro humano se desenvolvia apenas durante a infância e que depois desse período tornava-se inflexível na fase adulta. Contudo, os cientistas evidenciaram, por meio de pesquisas, que o cérebro humano pode se modificar, essencialmente, através de estímulo mental e novos aprendizados. A este fenômeno foi dado o nome de neuroplasticidade.

Atualmente entende-se que exercitar o cérebro é tão importante quanto a prática de exercícios físicos. Utilizar o cérebro pode possibilitar a plasticidade cerebral e a habilidade de aprender, à medida que se envelhece. Percebe-se, assim, que é de suma importância que o indivíduo dedique-se a novas atividades e, conseqüentemente, experimente novas vivências.

2.4 REABILITAÇÃO COGNITIVA E FUNCIONAL

Inicialmente, descrevem-se os conceitos das palavras reabilitação e cognição separadamente, para posteriormente articulá-los entre si.

Para Vandenbos (2010, p. 782), reabilitação pode ser considerada um “tratamento destinado a trazer um indivíduo para uma condição de saúde ou atividade útil e construtiva [...]”. O autor diz, ainda, que reabilitação é:

O processo de restauração para o mais alto grau possível de independência, bem-estar e nível de funcionamento de um indivíduo que foi ferido, experimentou um trauma ou desenvolveu uma incapacidade, transtorno ou prejuízo físico ou mental. Ela envolve fornecer recursos adequados, como tratamento ou treinamento, para permitir que tal pessoa (p. ex., uma pessoa que teve um derrame) desenvolva novamente habilidades e capacidades que ela havia adquirido anteriormente ou compense suas perdas. (VANDENBOS, 2010, p. 782).

Em relação ao conceito de cognição, Neisser (1967, p. 04 apud SILVA et al.; 2010, p. 86) afirma que se refere a todos os “processos pelos quais a entrada sensorial é transformada, reduzida, elaborada, armazenada e usada.”

Na visão contemporânea de Silva et al. (2010, p. 84), “cognição é um ato de criação de si e de mundo, ou seja, uma emergência coetânea de um mundo próprio e do

sujeito que o experimenta.” Corroborando, Vandebos (2010, p. 186) ressalta que “cognição são todas as formas de conhecimentos e consciência, tais como perceber, conceber, lembrar, raciocinar, julgar, imaginar e resolver problemas.”

Associando os dois conceitos citados acima, tem-se, então, a reabilitação cognitiva, que, segundo Abrisqueta-Gomez et al. (2004), é composta por técnicas e estratégias que visem à minimização de efeitos originados por lesão ou disfunção cognitiva. Essas funções são vistas como um apoio primário das atividades mentais, como memória, atenção, pensamento, linguagem, raciocínio lógico, etc.. Desta forma, as estratégias de reabilitação cognitivas são usadas para compensar os déficits causados nas atividades da vida diária.

Andrade, Santos e Bueno (2004) argumentam que a reabilitação cognitiva objetiva a adaptação do indivíduo ao seu ambiente. Esse trabalho é realizado de forma artesanal, ou seja, cada indivíduo pode apresentar dificuldades cognitivas e demandas ambientais específicas, por exemplo, relacionadas à sua idade, profissão, tipo de acometimento cerebral, vínculos e responsabilidades sociais.

Cordeiro (2005) evidencia que o planejamento da reabilitação cognitiva e funcional em idosos perpassa os seguintes itens:

- 1) Na maioria das vezes, as principais queixas são relatadas em função de não conseguir finalizar atividades cotidianas, que antes eram realizadas de forma simples e automáticas;
- 2) Os problemas desencadeiam frustrações por sensação de baixa autoeficácia para gerenciar a própria vida e pela necessidade de ter um cuidador ou de dispositivos;
- 3) O profissional de saúde precisa estar habilitado para encontrar vários tipos de matizes nas manifestações de autonomia e independência, podendo interpretar clinicamente o significado de cada uma, caso a caso;
- 4) A autonomia deve ser estimulada durante todo o processo de reabilitação;
- 5) Integração dos componentes intrínsecos (indivíduo) com a atividade pretendida e ainda com as restrições ambientais;
- 6) A aprendizagem é a mola mestra da reabilitação, independente se for na recuperação da função perdida, ou na compensação por desenvolvimento de novas formas de execução da tarefa, ou ainda, na adaptação tecnológica do ambiente com objetivo de torná-lo minimamente restritivo ao desempenho funcional;
- 7) O profissional de saúde necessita estar preparado para administrar cada caso e criar alternativas para que idosos incapacitados consigam realizar a atividade proposta.

Com base nestes conceitos e definições, entende-se que ocorrem mudanças permanentes na organização do cérebro humano, seja pela perda ou pela alteração das

conexões neurais do indivíduo. Essa última, capaz de remapear as conexões das células nervosas, processo este que contribui para o aprendizado contínuo à medida que se experimenta uma mudança no ambiente ou se desenvolve uma habilidade.

Diante do exposto, o profissional de saúde deve ter habilidades e competências suficientes, usando a criatividade para resolução de problemas e mantendo-se aberto para executar seu trabalho, interdisciplinarmente, com outros profissionais dispostos a oferecer um serviço humanizado que possibilitem ao idoso (re)utilização de sua autonomia e independência, pautados na cidadania e dignidade. Pode-se, ainda, desenvolver estratégias para lidar com as dificuldades vividas por essa pessoa e sua família.

3 OFICINA DA LEMBRANÇA

O processo de reabilitação neuropsicogeriátrico ‘Oficina da Lembrança’ tem como um de seus objetivos principais trabalhar os déficits cognitivos de idosos por meio de computadores e internet. Desta maneira, este processo possibilita o resgate ou fortalecimento do potencial intelectual desses idosos, mostrando como a informática pode criar condições para que eles encarem a vida de outra forma, tornando-se cidadãos do mundo contemporâneo.

A ‘Oficina da Lembrança’ acontece desde 2007, na Unisul, como projeto de extensão nos Campus de Tubarão e na Pedra Branca, e em programa de acompanhamento médico em um plano de saúde em Florianópolis. A metodologia da ‘Oficina da Lembrança’ foi aplicada também na Uniexperiência (Universidade da terceira idade) em Tubarão e no projeto de extensão “Vovô em ação” na Pedra Branca. É importante lembrar que esse programa está vinculado ao Núcleo de Pesquisa da Terceira Idade e Tecnologias da Informação (NUPE(TI)²) da Capes, desenvolvendo a linha de pesquisa “Reabilitação Cognitiva de Idosos mediada por Instrumentos Digitais”.

Atualmente, essa metodologia está sendo desenvolvida nos municípios de Tubarão (SC), Florianópolis (SC) e Palhoça (SC), em que a pesquisadora coordena esses três núcleos de trabalhos, por meio de um projeto de extensão aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tendo como título: “Oficina da Lembrança: Inclusão Digital, estimulação e reabilitação cognitiva para Idosos” sob o nº 563449/2010-1 do Edital MCT/CNPq nº 49/2010. Desta forma, entende-se que, além de ser um projeto extensionista, pode se tornar um estudo de pesquisa. Além disso, essa é uma metodologia que pode ser aplicada em qualquer grupo já formado de idosos, necessitando apenas da estrutura física e de acadêmicos disponíveis.

Assim sendo, desde 2007, acadêmicos dos Cursos de Psicologia, Medicina, Fisioterapia e Design coletam esses dados, sob a supervisão geral do professor e geriatra Dr. André Junqueira Xavier.

Os idosos da comunidade em geral são convidados por meio de propaganda em jornal da cidade, bem como os participantes de algum grupo específico de idosos que existem em comunidades vizinhas à Unisul.

Depois que os idosos aceitam o convite para participar da ‘Oficina da Lembrança’, os mesmos são chamados para entrevista inicial, sendo feito o mesmo procedimento quando as oficinas terminam (entrevista de saída), ou seja, antes e após as

oficinas de informática (intervenções) os participantes respondem alguns instrumentos específicos que servem como rastreio para as alterações cognitivas e funcionais. Os instrumentos (questionários validados) são: Mini Exame do Estado Mental (MEEM), Questionários de Atividades Diárias (AVDs), Questionários para Depressão Maior e uma ficha com dados pessoais e questões objetivas. Dessa forma, pretende-se traçar um perfil de cada aluno (idoso), como também planejar as ações subsequentes de acordo com o nível cognitivo e funcional da turma de alunos.

Encerrada a etapa das entrevistas iniciais, são marcados 18 (dezoito) encontros em um laboratório de informática da Unisul ou em uma clínica médica com sala especialmente equipada, para as oficinas de reabilitação, que se configuram em aulas de informática que estimulam as capacidades cognitivas e funcionais de cada sujeito.

Estas oficinas simulam ambientes e situações por meio de sistemas de realidade virtual onde o participante hígido, ou aquele que apresentar alterações cognitivas/funcionais, poderá tomar decisões em tempo real e de forma contínua em uma aproximação mais detalhada do mundo real. Com este olhar, o computador é um sistema que permite o desenvolvimento lógico-formal humano por meio da interação.

As aulas de informática são ministradas 02 (duas) vezes por semana, tendo 90 minutos cada. A cada 45 minutos é feito um intervalo com atividades de alongamento. No final de cada oficina são realizadas as socializações das percepções de cada aluno, questionando: “como foi a atividade de hoje para você?” Essa pergunta norteia a equipe de trabalho em relação às atividades que serão ministradas posteriormente. As respostas são devidamente anotadas ou gravadas com autorização prévia do participante. Os dias da semana são sempre adequados de acordo com a disponibilidade de laboratórios de informática e/ou disponibilidade de horário dos participantes das oficinas.

Concomitantemente, são propostos Dispositivos Interativos (DI) apropriados para possibilitar sua independência e autonomia dentro de um processo de Reabilitação Cognitiva Virtual (RCV). As atividades constam de uma série de oficinas, visando a RCV, que se realiza de forma presencial em salas de aulas, com recursos de computadores em rede LAN (Local Área Network) e a distância por meio de ambiente de Internet (*Wide Area Network*). A seguir, será exposto o passo a passo feito nas oficinas (aulas).

3.1 DESCRIÇÃO DAS OFICINAS³

As oficinas são promovidas por um facilitador/monitor cuja função é a de ensinar aos idosos os procedimentos para realizar alguma tarefa com o computador e, com isso, possibilitar-lhes a apropriação dos recursos tecnológicos. Há, também, um observador que coleta as frases que os idosos expressam durante as oficinas e, ao final delas, são anotadas ou gravadas também as percepções dos idosos em relação às aulas. Estes dados são utilizados na pesquisa para documentar o desempenho dos idosos no aprendizado dos instrumentos digitais.

Roteiro⁴ básico das oficinas de Inclusão Digital:

1) Entrevista inicial:

- a) Explicação dos objetivos da pesquisa e confirmação dos critérios de inclusão e exclusão;
- b) Obtenção do termo de consentimento livre e esclarecido, juntamente com a autorização para fotografias e gravações;
- c) Coleta de dados sociodemográficos: sexo, idade, estado civil, escolaridade em anos de estudo, renda, profissão, ocupação atual, suporte social;
- d) Coleta de dados sobre o histórico de saúde: hipertensão arterial, diabetes, hipotireoidismo, dislipidemia, síndrome metabólica, depressão, Parkinson, alterações cognitivas, polifarmácia (número de medicações de uso contínuo, número de medicações com atuação sobre o sistema nervoso central, tipos e dosagem), número de diagnósticos, dor crônica, problemas posturais, alterações sensoriais (visão, audição, tato e fala), presença de problemas motores (tremores, paralisias, paresias) em membros superiores;
- e) Avaliação do estado mental pelo Mini-Mental Status Examination de Folstein (MMSE) e avaliação da capacidade funcional pelo questionário de atividades da vida diária (BOMFAQ/OARS).

2) Início das oficinas:

- a) Apresentação do facilitador/monitor, observador para todos os participantes;
- b) Realização de contrato de sinceridade, espontaneidade e privacidade do trabalho;

³ O leitor também poderá obter mais informações na tese de doutorado do professor André Junqueira Xavier, que tem como título “Estado cognitivo, capacidade funcional e o processo de Inclusão Digital de idosos”. Disponível em: <http://www.disacad.unifesp.br/pg/..%5Csap%5Carquivos%5Carq_24.pdf>. Acesso em: 20 set. 2010.

⁴ Esse roteiro pode ser alterado de acordo com a necessidade do grupo.

c) Definição do objetivo de reabilitação e melhoria da memória e capacidade funcional, deixando clara a noção de que não se trata de “oficinas de informática”, mas que a informática será usada como ferramenta digital e, por isso, serão ensinados aspectos básicos do uso do computador e da Internet.

3) Duração das oficinas:

a) Cada oficina tem duração de 90 minutos com a seguinte estrutura:

- Introdução do tema do dia: qual ferramenta será utilizada;
- Interação e uso da(s) ferramenta(as) proposta(as) com intervalo para alongamento;
- Reunião de todo o grupo ao final, em círculo, para avaliação do trabalho do dia, onde todos os participantes se manifestam, inclusive o facilitador/monitor, que dá a vez a cada um e fala por último. As falas são sucintas e cabe ao facilitador/monitor solicitar ao participante que termine sua fala e ceda a vez para o próximo.

b) Cada módulo é composto por vinte oficinas, a primeira e a última com a finalidade das avaliações iniciais, finais e devolutivas.

4) Temas das oficinas:

- a) Primeira oficina: exposição dos objetivos do trabalho e entrevistas;
- b) Segunda oficina: explicação básica com prática no uso do *mouse* e ferramenta de desenho livre;
- c) Terceira oficina: uso do *mouse*, desenho livre, uso de apresentador de fotos;
- d) Quarta oficina: uso do *mouse*, desenho livre, uso de apresentador de fotos, início de uso de jogos (quebra-cabeça, paciência, campo minado) sem tempo marcado;
- e) Quinta oficina: continuação dos jogos;
- f) Sexta oficina: introdução de jogos com tempo marcado;
- g) Sétima oficina: jogos com tempo marcado;
- h) Oitava oficina: aprendizado de *browser*, navegação;
- i) Nona oficina: aprendizado de *browser*, busca por palavras e textos;
- j) Décima oficina: aprendizado de *browser*, busca por imagens;
- l) Décima primeira oficina: aprendizado completo de *browser* (palavras e imagens);
- m) Décima segunda oficina: aprendizado completo de *browser* (palavras e imagens);
- n) Décima terceira oficina: Aprendizado completo de *browser* (palavras e imagens) e treinamento de navegação;

- o) Décima quarta oficina: aprendizado completo de *browser* (palavras e imagens) e treinamento de navegação;
- p) Décima quinta oficina: correio eletrônico;
- q) Décima sexta oficina: correio eletrônico;
- r) Décima sétima oficina: correio eletrônico;
- s) Décima oitava oficina: correio eletrônico;
- t) Décima nona oficina: correio eletrônico;
- u) Vigésima oficina: avaliações finais e devolutivas. Avaliação pós-oficinas do estado mental pelo Mini-Mental Status Examination de Folstein (MMSE) e avaliação da capacidade funcional pelo questionário de atividades da vida diária (BOMFAQ/OARS).

5) Avaliação do desempenho na aprendizagem das ferramentas de inclusão digital: são selecionadas quatro variáveis de aprendizado como desfechos:

a) Primeiro desfecho: “uso básico do *mouse*”: ações necessárias para o “uso básico do *mouse*”: O idoso é avaliado no posicionamento da mão sobre o dispositivo (*mouse*), capacidade de localizar o cursor na tela estando ele imóvel, capacidade de mover o cursor na tela acompanhando-o com os olhos, clicar com o botão esquerdo, desenho livre (clicar, manter pressionado e arrastar) utilizando *software* adequado (*paint brush*), clicar em menus e caixas de texto;

b) Segundo desfecho: “aprender jogos”: aprender a usar pelo menos um jogo sem tempo marcado e um jogo com tempo marcado. Classificação dos jogos: a) Sem tempo marcado com regras simples, já conhecidos em outros formatos, sem desenhos móveis: jogo da memória, quebra-cabeça, paciência e labirinto; b) Com tempo marcado ou desenhos móveis, solicitando maior rapidez e reflexo, com pontuação de acordo com a performance: tetris e futebol.

c) Terceiro desfecho: “usar *browser*” (navegador), o idoso será avaliado em sua capacidade de buscar corretamente por meio do navegador pelo menos um *site* ou texto relacionado a uma palavra ou expressão pré-escolhida e buscar pelo menos uma imagem relacionada a uma palavra ou expressão pré-escolhida. O *site* escolhido para a tarefa é o “*Google*” em português no modo “páginas do Brasil”. A tarefa será considerada bem-sucedida quando o participante digitar a palavra ou expressão no local apropriado, selecionar corretamente a opção busca por

texto ou imagem, navegar pelos resultados apresentados até escolher o resultado desejado, mostrar ao monitor seu resultado e voltar à página de busca inicial.

d) Quarto desfecho: “usar correio eletrônico”, será avaliado se o participante for capaz de realizar seu cadastramento (criação de *e-mail* e senha) supervisionado pelo monitor, abrir o programa de correio eletrônico corretamente, compor e enviar corretamente uma mensagem de texto, receber corretamente uma mensagem de texto e fechar o programa. A tarefa será considerada aprendida quando cada participante enviar e responder pelo menos duas mensagens durante a oficina.

4 MÉTODO

4.1 NATUREZA E TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa é um recorte qualitativo do estudo longitudinal de intervenção controlado do programa ‘Oficina da Lembrança’, sendo assim, caracteriza-se como de cunho exploratório e qualitativo. A pesquisa qualitativa requer do pesquisador uma maior atenção junto aos pesquisados, pela necessidade que se tem de entender os sentidos e discursos que estariam explícitos e/ou silenciosos.

De acordo com Minayo (1996, p. 21), “[...] pesquisa qualitativa trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis.”

4.2 SUJEITOS

O material selecionado para o corpus de análise desta pesquisa é constituído pelo discurso de 40 sujeitos, o qual foi produzido ao final de cada atividade, mediado por um facilitador/monitor. Os sujeitos passaram pelo programa de estimulação e reabilitação neuropsicogeriátrico ‘Oficina da Lembrança’, no ano de 2010, nos municípios de Florianópolis (SC) e Palhoça (SC). Primeiramente foram transcritos as falas ou enunciados de 71 sujeitos, sendo que 31 foram descartados por ultrapassarem o total da amostra. Para realizar o descarte utilizou-se como critério o menor número de oficinas em que o sujeito-idoso se fez presente.

Estes participantes são idosos com idade igual ou acima de 60 anos, de ambos os sexos, com queixas subjetivas de memória, que desejam aprender os passos básicos para o uso de computadores pessoais e Internet.

A seguir, apresenta-se o quadro 1 com a caracterização dos sujeitos da presente pesquisa:

Sujeito	Idade	Anos de estudo	Estado civil	Sujeito	Idade	Anos de estudo	Estado civil
(S01)	73	16 anos	Casada	(S21)	70	12 anos	Viúva
(S02)	63	11 anos	Casado	(S22)	63	12 anos	Casada
(S03)	67	11 anos	Casada	(S23)	80	15 anos	Viúva
(S04)	73	16 anos	Solteira	(S24)	60	15 anos	Solteira
(S05)	60	13 anos	Casada	(S25)	78	12 anos	Casada
(S06)	65	15 anos	Viúva	(S26)	73	15 anos	Solteira
(S07)	62	20 anos	Casado	(S27)	60	15 anos	Divorciada
(S08)	79	11 anos	Casado	(S28)	68	1 ano	Viúva
(S09)	70	11 anos	Solteira	(S29)	76	3 anos	Viúva
(S10)	74	15 anos	Casada	(S30)	81	15 anos	Viúva
(S11)	76	5 anos	Casado	(S31)	60	4 anos	Casada
(S12)	77	10 anos	Solteira	(S32)	64	15 anos	Viúva
(S13)	72	8 anos	Casada	(S33)	61	15 anos	Casada
(S14)	60	17 anos	Separada	(S34)	74	30 anos	Divorciada
(S15)	60	11 anos	Casada	(S35)	73	11 anos	Casada
(S16)	81	14 anos	Viúva	(S36)	68	1 ano	Casado
(S17)	79	4 anos	Viúvo	(S37)	65	3 anos	Casada
(S18)	63	11 anos	Casada	(S38)	74	1 ano	Solteira
(S19)	83	11 anos	Casado	(S39)	60	5 anos	Casada
(S20)	86	4 anos	Viúva	(S40)	60	4 anos	Casada

Quadro 1 - Caracterização da amostra.

Fonte: Elaboração da autora da pesquisa, 2011.

Inicialmente teve-se a ideia de tornar mais evidente a variável escolaridade, por ter certa relevância nos resultados quantitativos do programa ‘Oficina da Lembrança’. Entretanto, por tratar-se de um recorte desse programa e ser esse um estudo qualitativo ancorado na teoria/metodológica da Análise de Discurso, de linha francesa, essa distinção não se faz necessária, permanecendo, assim, o sujeito em destaque.

Ressalta-se, ainda, que conforme Orlandi (2007, p. 44), “em Análise de Discurso não se trabalha com evidências, mas com o processo de produção das evidências.” Desta forma, percebe-se que a noção de dado é, ela própria, um efeito ideológico do qual a Análise de Discurso busca (des)construir o que está evidente, explicitando seus modos de produção. Para tal, é a própria noção de real e a de interpretação que são colocadas em questão.

4.3 INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA A COLETA DE DADOS

Os dados desta pesquisa foram coletados através do banco de dados do ano de 2010 do projeto ‘Oficina da Lembrança’. Neste banco de dados foram armazenadas as observações que são documentadas por anotações e gravações, durante as aulas de

informática, em que são registradas as frases que os idosos verbalizam ao final das oficinas, informando como foi a atividade para eles naquele dia.

Lombard-Platet; Watanabe; Cassetari (1998) afirmam que a observação, descrição e mensuração dos fatos são pontos de suma importância. A observação e a medida dos fenômenos permitem a coleta de dados e, assim, podem ser replicadas quantas vezes forem necessárias para que se conheça cada vez mais sobre um determinado fenômeno.

Percebe-se, dessa forma, a importância de registrar as informações de maneira minuciosa, podendo contribuir para a ciência e para a compreensão de certos aspectos psicológicos voltados para aprendizagem e, conseqüentemente, para a estimulação e reabilitação cognitiva e/ou funcional.

4.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Após o trabalho (aula), perguntava-se: “como foi a atividade para você hoje?”, deixando aberto para que cada sujeito respondesse o que havia percebido naquele momento. Quando o enunciado do sujeito mostrava-se confuso, era solicitado ao mesmo que explicasse melhor, ou falasse mais sobre o assunto em questão com o intuito de compreender melhor a sua fala. Nessa etapa da atividade, era destacado que a presença de todos era imprescindível, evitando ao máximo sair da sala neste período. Não havia uma ordem específica para se manifestar, cada sujeito se colocava de acordo com sua vontade, e se, por algum motivo, não quisesse fazê-lo, prevalecia sua escolha. É importante destacar, também, que não havia uma pergunta específica sobre o estado cognitivo ou sobre a capacidade funcional de cada idoso, sendo que estas variáveis fazem parte do objetivo geral deste trabalho, o que, de certa maneira, dificultou a identificação desses.

A identificação de cada sujeito desta pesquisa, durante a transcrição, representa-se pela letra ‘S’, seguida pelo número cardinal, em uma sequência crescente partindo número 01 até 40. Após a transcrição das aulas e seleção da amostra, sentiu-se a necessidade de agrupar as falas por sujeitos, o que facilitou a visualização do caminho percorrido por cada sujeito dentro desse processo discursivo. A seguir, fez-se a leitura e releitura de maneira exaustiva do material de análise, observando temas repetitivos, metáforas, que pudessem implicar imagens específicas, frases que representassem situações semelhantes e de significado similar ou até mesmo palavras com significação peculiar. Ressalta-se, ainda, que durante a interpretação dos

dados, em alguns momentos, recorreu-se ao material original, que são as gravações, para sanar as dúvidas da pesquisadora em relação às transcrições.

Depois de todo este procedimento, foram identificados discursos durante quatro grandes momentos: inclusão digital, jogos, memória e convívio social. Posteriormente a esta etapa, sentiu-se, ainda, a necessidade de separar as falas dos sujeitos em relação aos quatro momentos, sublinhando palavras-chave que possibilitassem uma visão mais detalhada do sujeito inserido nesse contexto. Dessa forma, esta pesquisa articulou esses quatro momentos, por meio da interpretação do discurso, às possíveis alterações cognitivas e funcionais dos idosos após terem passado por esse programa interventivo.

4.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O participante, ao entrar para o programa de estimulação e reabilitação ‘Oficina da Lembrança’, foi informado que este trabalho faz parte de um estudo longitudinal de intervenção e controlado. Dessa forma, foi pedido ao coordenador da ‘Oficina da Lembrança’ a assinatura na Declaração de ciência e concordância das instituições envolvidas (APÊNDICE A), para que a pesquisa pudesse ser realizada.

Em se tratando da ‘Oficina da Lembrança’, cada participante foi informado sobre os procedimentos éticos que orientam esta pesquisa, tais como, preservação da identidade do participante e sigilo da fonte das informações, além de ter sido orientado a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que o qualificou para a participação como sujeito da pesquisa. E, por haver o interesse de preservar o que é dito na íntegra pelo participante no final das oficinas por meio de gravação, foi esclarecido esse procedimento a cada um. A autorização para gravação de voz (Consentimento para Gravações de voz e fotografias) foi assinada, para que, então, se procedesse às descrições das observações, que estão sob os cuidados do coordenador do projeto “Oficina da Lembrança”.

Ressalta-se que, embora a ‘Oficina da Lembrança’ tenha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como a autorização para gravação de voz dos participantes, esta pesquisa, que é um recorte desse programa, seguiu os princípios estipulados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unisul e solicitou-se novamente a assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), bem como consentimentos para gravações e fotografias (APÊNDICE C) dos participantes do programa, que aceitaram

participar desta pesquisa. O Comitê tem a responsabilidade de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e de contribuir no desenvolvimento da pesquisa na Unisul dentro de padrões éticos.

Para se atender aos preceitos legais dessa resolução, foi encaminhado ao Comitê de Ética cópia do projeto com vista ao conhecimento, aprovado sob o código 10.854.7.07 III, no dia 21 de dezembro de 2010. Somente após aprovação do Comitê de Ética foram iniciadas as atividades de pesquisa planejada.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo explicita os sentidos produzidos pelos enunciados proferidos, por meio dos discursos de 40 sujeitos-idosos, ao final de cada atividade, mediados por um facilitador, e que passaram pelo programa de estimulação e reabilitação neuropsicogeriátrico “Oficina da Lembrança”, no ano de 2010, nos municípios de Florianópolis e Palhoça, que caracteriza o *corpus* desta pesquisa. Ressalta-se que este programa emprega como ferramenta de reabilitação o uso de computadores e Internet.

Nesta perspectiva, elencaram-se algumas falas dos sujeitos, objetivando a sua articulação com os efeitos de sentidos possíveis, implícitos e/ou explícitos, produzidos pelo que é dito ou silenciado, a respeito do que pode ser considerado como alterações no estado cognitivo/funcional dos sujeitos participantes desta pesquisa, interpretando os dados a partir dos dispositivos teóricos metodológicos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa.

Na constituição de um discurso são empregados muitos conceitos que precisam ser investigados com cautela e precisão. Pêcheux (2002) discorre sobre essa constituição que envolve o entremeio, a formação discursiva, a formação ideológica, a formação imaginária, as condições de produção, a memória discursiva, a incompletude, entre outros dispositivos que originam o discurso e que serão explorados a partir do próximo parágrafo, juntamente com os recortes das falas que representam os discursos dos sujeitos-idosos investigados, e que foram todos transcritos em sua forma original.

Iniciam-se as interpretações pelo primeiro tema escolhido que é a Inclusão Digital (ID). Ao ingressarem no programa da ‘Oficina da Lembrança’, grande parte dos idosos nunca teve contato com computador, ou seja, conhecia, sabia de sua existência, mas jamais havia sentado na frente de um e manuseado. Nesse contexto, pode-se observar um discurso recorrente que é expresso pelas falas dos sujeitos, como se mostra a seguir: “[...] *Aprendi colocar o dedo no mouse.*” (S01); “[...] *Foi bom porque estou começando a executar a coordenação motora. Eu sinto que a coordenação motora não está bem. O trabalho serviu para identificar isso.*” (S34); “[...] *é uma novidade estar mexendo no notebook, procurando as letras. Eu consigo, catando milho (risos).*” (S13); “[...] *Estava um pouco ansiosa porque é a primeira vez que mexo num computador, em alguns momentos achei que apertei demais.*” (S09); “[...] *Hoje foi a primeira vez [...], eu leio meio certo, só tenho o primário. Mas, esse primário daqui (aponta para si) pra [sic] esse dali (computador) não tá [sic] sendo fácil porque eu ainda não tenho a destreza nos dedos aí pra [sic] teclar [...]* Pra [sic] mim, no

momento eu gostei, mas se torna difícil eu transmitir em letra pra ali [sic] (computador), mas só por causa disso, porque tá [sic] tudo aqui (aponta para cabeça), é só botar elas [sic] aqui (aponta para a tela). É essa dificuldade, não fiz nada. [...] Eu gostei tanto que vou adquirir um computador.” (S11).

Diante dos enunciados, nota-se que cada sujeito carrega consigo inúmeras experiências vividas ao longo dos anos. Nesse sentido, observa-se a existência de heterogeneidade das posições discursivas em que o nível de escolaridade se faz presente por meio desses discursos, pois o S34 mostra uma escolaridade alta (30 anos) quando registra uma fala mais elaborada “[...] sinto que a coordenação motora não está bem”, contrapondo o S11 que se expressa também, mas que precisa fazer uso das mãos para se fazer entender “[...] esse primário daqui (aponta para si) pra [sic] esse dali (computador) não tá [sic] sendo fácil.” Contudo, a resposta dos sujeitos aos desafios propostos em relação a esta nova ferramenta torna-se praticamente similar, pois se encontram em descoberta neste cenário, possibilitando, muitas vezes, alterar esta posição discursiva.

Percebe-se, por meio do discurso dos sujeitos, a existência de determinadas condições de produção e formações discursivas. Ao se deparar com o enunciado do S15: “*Não tenho saudade da minha infância [...] São pouquíssimas coisas que eu me lembro de quando era criança, que a gente passava muito trabalho [...] Não tinha luz elétrica*”, pode-se compreender melhor que esse discurso evidencia suas relações nesta realidade concreta, estabelecendo condições de produção que geram determinados efeitos de sentidos e não outros (MUSSALIM, 2003). Na visão de Brandão (2004), observa-se que nos protagonistas dos discursos não existe presença física de ‘organismos humanos individuais’, mas a representação de lugares determinados na estrutura de uma formação social.

A partir do momento em que o sujeito, ao ser confrontado com a necessidade de estimular sua capacidade cognitiva/funcional, é colocado frente ao novo, a uma nova tecnologia, desconhecida, em um contexto de insegurança controlada, ele também está frente à outra posição na estrutura discursiva em que ele se depara com sentidos, palavras, termos, conceitos completamente alheios ao seu arcabouço discursivo. Nesse sentido, o discurso tende a se alterar, pois a vida não está mais tão difícil assim “[...] Não tinha luz elétrica.” Além disso, à medida que vivencia esse novo contexto, suas formações discursivas se correspondem com outras e, possivelmente, originam uma terceira formação discursiva.

De acordo com Mussalim (2003), a formação discursiva não pode ser compreendida como algo pronto, mas que é determinada a partir de uma incessante relação com o outro, sendo que a unidade de análise não é o discurso em si, e sim o espaço de troca

entre vários discursos. Mussalin (2003, p. 130) conceitua sobre outro dispositivo da Análise de Discurso, o Campo Discursivo, afirmando que é:

o conjunto de formações discursivas com mesma função social que se encontra em concorrência, aliança ou neutralidade aparente e que divergem sobre o modo pelo qual a função deve ser preenchida – através do qual o sujeito do discurso circula se caracteriza essencialmente por ser um espaço interdiscursivo. (2003, p. 130).

Com base nas palavras da autora citada acima (2003), a Formação Discursiva tem uma heterogeneidade que permeia o discurso, que promove um espaço instável e aberto, descrevendo os enunciados que a compõem e gerando efeitos de sentidos.

Os sujeitos desta pesquisa são idosos, este fato leva à reflexão sobre o contexto sócio-histórico em que estes sujeitos estavam inseridos nessa época. Desse modo, entende-se que muitos sujeitos desta pesquisa compartilham da mesma realidade concreta que o S15, pois são da mesma época ou ainda de períodos mais antigos, o que pressupõe uma justificativa para eventual falta de progresso na aprendizagem da nova tecnologia ou para o inverso disso, pois com este discurso S15 situa a temporalidade da história de vida desses sujeitos “[...] *Não tinha luz elétrica*”, apontando que em 50 anos ou mais houve um avanço tecnológico que, muitas vezes, é difícil de ser totalmente apreendido.

Conforme Kachar (2003, p. 19), “na época dos nossos avós, o idoso recolhia-se ao seu aposento e vivia dedicado aos netos, à contemplação da passagem do tempo pela fresta da janela, a reviver as memórias e (re)lembrar e (re)contar as lembranças passadas.” Atualmente, com a sociedade informatizada, este cenário está se modificando cada vez mais rápido e, conseqüentemente, o perfil do idoso acompanha este moderno panorama, especialmente no que diz respeito a essa nova tecnologia que é o computador, querendo incluir-se nessa nova linguagem disseminada também nas conversas sociais. No entanto, ainda estão ligados à formação imaginária, como se verá a seguir.

Quando os sujeitos enunciam: “[...] *medo de apagar, de quebrar*” (S32) ou “[...] *talvez, no início se eu soubesse que as aulas fossem com computador eu nem entrasse para fugir. Eu fujo do computador, mas, agora, aqui o grupo está me incentivando*” (S10), trazem possivelmente uma série de formações discursivas, imaginárias e simbólicas previamente absorvidas a respeito dessa tecnologia. Na Análise de Discurso, a formação imaginária é conceito em que é observado como o sujeito projeta a imagem de si e de seu interlocutor ao referir-se a ele, adaptando, nesse formato, seu discurso. Segundo Orlandi (2009, p. 40), “na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições.” E isto se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o computador visto empiricamente, mas o

computador enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias, como foi o caso de S10 “[...] *Eu fujo do computador, mas, agora, aqui o grupo está me incentivando [...].*”

Nesse sentido, supõe-se, ainda, que, ao ser perguntado sobre como foi a atividade hoje, na ‘Oficina da Lembrança’, o sujeito discursiviza aquilo que estaria mais latente, onde provavelmente as condições de produções se mostrariam favoráveis para manifestação deste discurso que se relacionou com outros: “[...] *aqui o grupo está me incentivando [...].*” Entende-se, assim, que o grupo serviu de mediador para que esse processo acontecesse. Ou seja, os sentidos advêm de relações: um discurso assinala para outros que o sustentam, e para dizeres futuros. Todo discurso é aceito como um estado de um processo discursivo mais extenso, ininterrupto. Não existe no discurso um início específico ou um final determinado. Os dizeres convergem com outros dizeres manifestados, imaginados ou prováveis. (ORLANDI, 2009).

Quando S21 enuncia “[...] *perdi o medo desse bicho*”, assinala um discurso interessante a respeito da máquina em si que supõe uma série de formações imaginárias, pois que “*bicho*” seria esse? Por que o “*medo*”? “*Medo*” de quê? Que efeitos de sentidos esse “*bicho*” imprime nos sujeitos? No sentido literal da palavra, o “*bicho*” é algo que provavelmente assusta, provocando medo. Com este olhar, parece que a memória discursiva em questão, o “*bicho*” e o “*medo*” referidos, não são mais os medos infantis de certos bichos folclóricos, como medo da mula-sem-cabeça, do lobisomem, ou ainda do Saci Pererê. O “*bicho*” agora está dentro de casa, ligado na energia elétrica, consumindo ‘luz’. Quando o sujeito referencia este “*bicho*”, remete a uma criança que, nas suas formações imaginárias, o “*bicho*” não é mais tratado como folclórico, mas tomou nova forma, outra configuração discursiva.

Refletindo do ponto de vista da virtualização, há uma coisa de “*bicho*”, de fantasma, de vírus. Fala-se muito, ‘travou/perdi tudo por causa do vírus’, o que pode mobilizar as mais diversas formações imaginárias e discursivas, pois, neste caso, o “*bicho*” não é visível, não é palpável, onde está ele afinal? Diferentemente de qualquer outro aparelho mecânico de uso doméstico ou profissional, que quando estraga o defeito pode ser visto, é palpável, o vírus ninguém vê. Sabe-se que ele existe, mas que não está disponível em outro estado que não seja virtual. Talvez, essa configuração invisível dificulte para o sujeito entender a concretude do processo como um todo. Essa virtualização fantasmática traz essa assombração no agora, mexendo com a realidade discursiva dos sujeitos.

Sendo assim, entende-se que este posicionamento discursivo dos sujeitos é construído mediante as relações interdiscursivas e intersubjetivas, bem como da projeção imagética que o sujeito tem de si e dos outros. As projeções do sujeito no discurso são atravessadas pela ideologia com base na memória discursiva.

Em relação ao conceito de memória discursiva, Orlandi (2009, p. 31) diz que “é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.” Em relação ao que está sendo analisado, nota-se que existem significados específicos que estão produzindo determinados efeitos de sentido, como, por exemplo, a fala do S28 “[...] *Minha criança não quer se soltar de jeito nenhum para tirar esse medo de mexer no teclado, porque acho que é uma coisa maravilhosa se soltar e se divertir. [...] fui educada a respeitar o limite e colocar a criança para obedecer, ao invés de deixá-la mexer em tudo que tem direito.*” Neste enunciado, cada tomada da palavra representa um arcabouço discursivo que constitui o sujeito. Isso pode ser evidenciado quando explicita ‘*minha criança*’, ‘*mexer no teclado*’, ‘*coisa maravilhosa*’, ‘*respeitar limites*’, em que o sujeito retorna a algo que lhe é muito próprio. É próprio de uma dinâmica infantil explorar o mundo à sua volta, maravilhando-se com aquilo que vai conhecendo, mas também aquela criança precisa respeitar os limites que lhe são atribuídos. Por meio do brincar a criança descobre-se e conscientiza-se do mundo que a rodeia, possibilitando, também, vivenciar seus conflitos, tensões, tristezas, realizações, frustrações e alegrias. O brincar proporciona, ainda, criar laços afetivos, encontrar significados e sentidos, ampliando horizontes e construindo sua autoconfiança.

Quando o sujeito traz essa constatação, parece resgatar a memória discursiva infantil, pois há uma ligação entre os significantes ‘*criança*’, ‘*mexer*’, ‘*coisa maravilhosa*’ e ‘*respeitar os limites*’. A memória discursiva marca esta cadeia de significantes que parece estar presente atualmente no discurso proferido pelo sujeito. Nesse sentido, passado e presente estão ligados por uma materialidade linguística, sem uma dissociação espaçotemporal, o que lembra muito a forma de funcionamento do discurso inconsciente, ou seja, atemporal, em que não há fronteiras rígidas entre passado e presente e os significantes constituem uma cadeia associativa que atravessa o sujeito.

Percebe-se, ainda, que há uma representação da memória discursiva que é trazida à tona por meio de seu enunciado, pois os sentidos já-ditos por alguém, em algum momento, em determinadas circunstâncias, mesmo muito distantes temporalmente, têm ainda um efeito significativo sobre o discurso e o sujeito. Pressupõem, também, entre outras coisas, que as pessoas têm medo de se divertir, medo de não corresponder às expectativas, medo de se

arriscar e, por que não, medo de aprender. Sendo assim, o enunciado do S28 acaba evidenciando a memória discursiva que repete um discurso pré-construído.

Nota-se, ainda, que existe uma contradição bem visível neste discurso, pois, apesar da tomada de consciência do discurso repetitivo e reprimido, e da impotência diante dele, há uma vontade muito grande de explorar o oposto daquilo que lhe foi imposto, e que foram expressos em outro momento: “[...] *Nova experiência e um novo caminho porque achei que nunca ia ficar na frente de um computador. É uma máquina que eu quero explorar.*” (S28). Dessa forma, a materialidade discursiva é trazida por meio dos efeitos que cercam estes sujeitos apesar de seus desejos.

Conforme Orlandi (2009, p. 32), “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras.” Isso origina a reflexão de que quando o sujeito fala, pensa que sabe o que fala, mas não controla e nem conecta sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem. Através do olhar discursivo é sem valia indagar o sujeito sobre o que ele quis dizer quando falou “x”. O que ele sabe é insuficiente para compreender que efeitos de sentidos estão ali presentificados. O que existe é um já-dito, alicerçando a possibilidade mesma do dizer, e que se torna essencial para a compreensão do discurso, da relação com os sujeitos e com a ideologia. (ORLANDI, 2009).

Contrapondo os discursos dos sujeitos sobre o medo de quebrar, de travar o computador, entre outros de igual teor, tem-se um discurso recorrente mostrado nas enunciações a seguir que foram emersos da relação com seus filhos ou pessoas próximas: “[...] *eu tinha um computador só em casa e os filhos não deixavam eu [sic] nem mexê [sic], vinha do curso faceira pra [sic] treinar em casa, mas eu não conseguia fazer nada porque ‘tu vai [sic] deletar tudo, vai desaparecer tudo [...] já comprei um computador. Agora este é meu, eu posso fazer’*” (S18); “[...] *eu tenho medo de dar um pane [sic] no computador ou quebrar alguma tecla*” (S11); e “[...] *Eu tinha muito medo que estragasse, porque lá ele (irmão) tem três filhos que usam, meu irmão usa muito e se aparecesse um defeito, foi a ‘fulana’ que não entende de mexer no computador, não tem isso?*” (S12).

Percebe-se, nesses recortes, uma inversão de papéis no que tange às relações de poder, em que os idosos tomam o lugar das crianças, que não podem mexer em tudo, que precisam respeitar os limites impostos agora pelos filhos que assumem o comando ao proibirem ou reprimirem seus pais, tios, ou até mesmo o marido, caracterizando-se esta transformação num gesto de interpretação e não apenas de descrição do real discursivo. Esse real apresentado pelos filhos, ‘*tu vai deletar tudo, vai desaparecer tudo*’, não coincide com a

realidade factual. Sabe-se que existem riscos reais de quebrar um computador ou de travá-lo. Mas, no aspecto ‘deletar’, ‘desaparecer’, tem-se também ciência de que esses riscos podem ser amenizados ou evitados com a criação de um usuário e senha específica para aquele sujeito, ação esta que impossibilitará o sujeito-idoso de deletar, estragar ou trocar de lugar arquivos e pastas pertencentes a outras pessoas.

Ao invés de embolsar algum tipo de incentivo por parte dos seus, por estarem aprendendo algo novo e moderno, os sujeitos-idosos se deparam com a ausência de estímulos e certa repressão. Supõe-se que este real tenha sido preparado inconscientemente por esses filhos (‘agora é a minha vez’) e que foi cuidadosamente engendrado, para devolver ou trazer para fora de seus arquivos os efeitos de sentidos já-sentidos e retribuídos por meio do discurso, perpetuando, assim, uma corrente de opressão: ‘tu não pode’, ‘tu não isso [...]’, ‘tu não aquilo [...]’. Pensa-se, ainda, que tal discurso não seja acompanhado de consciência por ambas as partes, mas apenas de um acerto de contas velado, que foi guardado e que tem certo prazer de emergir. Quem irá quebrar esta corrente de repressão? Quem quer quebrar esta corrente de ‘nãos’?

Quando os filhos, parentes próximos ou esposas configuram como discurso de verdade que os sujeitos irão “deletar”, “apagar”, entre outros, acabam por veicular “verdades” em que sugerem os modos de agir, sentir e ser sujeito. Diante dessa realidade, os sujeitos-idosos estão submetidos a um poder que talvez um dia tenha lhe pertencido e que hoje experimenta a posição inversa. Essa discussão remete às técnicas de objetificação/subjetivação, introduzidas por Foucault (1998), às quais o sujeito é assujeitado nas sociedades modernas. O filósofo francês argumenta que o sujeito é uma construção histórica produzida no e pelo discurso, de maneira que o indivíduo torna-se sujeito mediante as práticas discursivas que, bem fixadas no jogo relacional do saber/poder, o instituem.

Na perspectiva de obediência aos pais, observam-se as falas de S17: “[...] relembrei os tempos passados da minha infância. Fiz uma comparação daquele tempo e hoje, em questão da própria educação [...] Os filhos, eles obedecia [sic] os pais [...] Me lembro como se fosse hoje, eu dizia ‘ô, mãe, posso ir lá na venda?’ [...] ‘vai pedir pro [sic] teu pai’. Se o pai não deixasse, não ia, e nem se teimava, ele dizia não e acabou. [...] naquela época era muito melhor, né [sic], sem dúvida, sem dúvida nenhuma. Os irmãos do pai era [sic] do exército e nós vivia [sic] tranquilo, se dava [sic] maravilhosamente bem”; e S25 “[...] Se obedecia, né [sic], se obedecia. [...] quando meu pai acendia luz, já dizia ‘a bença [sic], pai’, ‘a bença [sic], mãe’, a gente saía de casa, ‘a bença [sic], pai’, ‘a bença [sic], mãe’ e quando chegava ‘a bença [sic], pai’, ‘a bença [sic], mãe’. Hoje é ‘tu’ pra [sic] cá, é ‘tu’ pra [sic] lá,

tá [sic] tudo assim, ô”. Estes discursos revelam as posições dos sujeitos sobre seus contextos sócio-históricos, os quais evidenciam suas relações para a produção do próprio discurso, projetando sua visão da historicidade das relações, da forma de organização da sociedade, das condições de (re)produção social.

Levanta-se, ainda, a reflexão sobre cada tomada de palavra do S17: “[...] *obedecia os pais*”, “[...] *nem se teimava*”, “[...] *exército*”; e S25 “[...] *Se obedecia*” “[...] *‘a bença [sic], pai*’”, “[...] *‘a bença [sic], mãe*’”, em que os efeitos de sentidos se produzem nestas relações, pois, como se pode observar, o sujeito e o sentido são constituídos mutuamente pela inscrição das distintas formas do dizível, na interação das múltiplas formações discursivas. A própria homofonia das palavras, bênção e obediência, que na fala de S25 é expressa por “a bença” e “obediência”, chama a atenção para um significante similar, mesmo entendendo-se que os sentidos são semanticamente alheios.

Orlandi (2009, p. 21) lembra que:

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade, etc.

Nesse ponto de vista, o sujeito, muitas vezes, apropria-se do discurso convincente que vem de si, que é seu, sem considerar que sua enunciação é um correlato de certa posição sócio-histórica, ou seja, que pode apenas estar reproduzindo uma obediência cega, não se permitindo, ao menos, pensar sobre o que está sendo dito: “*por que obedecer?*”, “*por que os pais não pedem também a bênção aos filhos?*” Neste caso, assume para si o papel de assujeitado, por várias vias, ao apropriar-se deste dizível e fazendo-o necessário para sua constituição. Provavelmente, esta memória discursiva atravessou os seus, nas gerações posteriores, e continua viva de alguma maneira, convergindo ou divergindo desta perspectiva discursiva. Isso também está marcado na materialidade linguística do uso do pronome tu, que é tomado por S25 como sinal de desobediência ou *desabença*⁵.

A fala de S32 traz, também, uma enunciação contraditória e interessante ao referir-se ao uso do computador: “[...] *Me interessa porque tenho medo ‘dele’ (risos)*”. Fala em “*medo*”, sugerindo um risco, uma intimidação. O medo exposto aqui não é um medo real, factual, pois esta máquina não representa nenhum risco para o sujeito. Em contrapartida,

⁵ O neologismo aqui foi criado com o intuito de fazer um jogo fonético entre a “*desabença*” e “*desobediência*” que o S25 mostra na sua fala e que contrapõe as palavras referidas “*a bença*” e “*obediência*”.

expressa seu “*interesse*” pelo computador, entendendo-se de modo indireto que este medo produz um efeito de sentido manifestado curiosamente por riso, sorriso e certa alegria. Hipoteticamente, esse sujeito pode estar tomando uma posição contrária (talvez) à sua memória discursiva, autorizando-se conhecer algo alheio ao seu universo discursivo, caminhando para além do medo, para além da formação imaginária criada, indo ao encontro do seu “*interesse*”, interagindo com formações discursivas diferentes, possibilitando refletir sobre as suas formações discursivas, suas formações ideológicas e, conseqüentemente, refletindo seu próprio discurso.

Contrapondo o discurso anterior, S21 diz que “[...] *Eu achei péssimo hoje. Tive muita dificuldade e não cheguei até o final [...] Eu era boa neste negócio (computador), mas de uns tempos pra [sic] cá estou péssima.*” Neste sentido, S21 coloca outra (a sua) versão a respeito do mesmo acontecimento em que o S32 está também inserido e se contradizem reciprocamente. Nesse dia, no contexto simulado, na ‘Oficina da Lembrança’, solicitou-se a observância dos detalhes, nos *slides (power point)*, fazendo uma leitura e focando a atenção nas minúcias, sem explicitar no que exatamente. Supõe-se que, talvez, esse enfoque generalizado tenha mobilizado certa ansiedade pelo desconhecido, tirando o sujeito de sua zona de conforto e confrontando-o com algo não habitual, sem uma definição específica do que deveria ser observado. Outra hipótese a respeito desse discurso seria a insegurança do sujeito em não saber responder (caso alguém lhe perguntasse), ou se ater aos detalhes, manifestando um efeito de sentido inverso, deixando-o confuso e disperso. Ou, ainda, simplesmente dar-se conta da dificuldade em memorizar e esquecendo-se dos detalhes.

Com base nos dois discursos anteriormente referidos, tem-se um terceiro, em que o sujeito imprime uma compreensão adversa sobre o mesmo fenômeno “[...] *Olha, esta aula de hoje foi uma lição pra [sic] mim, pra [sic] mim mesmo, né [sic]. [...] pensava totalmente errado. Que a gente quando fica velho, né [sic], idoso e velho não têm mais valor, que perde os valores. [...] Mas, eu não, eu já queria morrer nova, tudo pra [sic] mim tinha que ser tudo novo. Tudo que é pensamento vinha, e tinha rejeição por idade, por velhice, eu tinha esta rejeição. [...] me esclareceu muita coisa, sabe? Eu fiquei bem feliz de ver aquilo ali porque assim ô [sic], mexeu comigo, né [sic], com meu jeito de pensar. Pois agora eu vou trabalhar o pensamento de outra maneira, vou aceitar porque a gente tem um tipo de qualidade, que tem qualidade de vida, né [sic]. [...] Vamos aceitar essa vida nova de idoso (risos).*” (S38). Nota-se que no discurso do sujeito existe uma memória discursiva alicerçada em sua formação ideológica desenvolvida numa condição de produção um pouco menos favorecida em se tratando de educação (anos de estudos), pois esse sujeito se diz semianalfabeto,

diferentemente como é demonstrada na caracterização dos sujeitos, em que é exibido cumprimento de cinco anos escolares, mas sem se apropriar do conhecimento a que estes anos de estudo se propõem.

Nesse sentido, esta reflexão emerge com uma interrogação: será que uma formação discursiva não está apenas sendo substituída por outra? Para a Análise de Discurso, o discurso é uma manifestação carregada de sentidos e que desvelam significações. Nesse caso, o espaço específico da constituição dos sentidos é a formação discursiva que, juntamente com a condição de produção e formação ideológica, vai construir uma tríade básica nas formulações teóricas da Análise de Discurso. (BRANDÃO, 2004).

Dessa forma, não se pretende dizer que o discurso do sujeito não tenha sentidos, nem significações. Espera-se apenas abrir outras possibilidades de interpretações contrárias àquilo que é manifestado em um dizer que está à espera de explicitação, em outras palavras, deixando-se escutar discursivamente no entremeio. Vendo, ouvindo e lendo o discurso nas entrelinhas, sem aceitar como fato consumado e/ou acabado, mas acolhendo a incompletude do efeito literal das palavras e exercitar a liberdade de análise, preservando o fenômeno sem desvincular-se de todo contexto.

Para se perceber melhor isso, Orlandi (2009, p. 30) afirma que:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele.

Retomando a discussão com base na escolarização, pode-se pensar nos recortes dos recortes em que o S38 expõe “[...] pensava totalmente errado”, “[...] idoso e velho não têm mais valor”, “[...] eu já queria morrer nova”, “[...] tinha rejeição por idade”, “[...] me esclareceu muita coisa, sabe? Eu fiquei bem feliz”, “[...] eu vou trabalhar o pensamento de outra maneira”, “[...] Vamos aceitar essa vida nova de idoso (risos).” Imagina-se que pelo fato de não obter muitas informações, o sujeito dê credibilidade a outros sujeitos que, teoricamente, estão lhe ensinando uma nova tecnologia e que se subentende aportar mais conhecimento. Dessa forma, talvez, o sujeito ignore suas vivências enquanto velho, enquanto idoso, pois se sabe, também, que idoso/velho, foi e ainda é, muitas vezes, desvalorizado em uma sociedade jovem, como é o caso do Brasil (KACHAR, 2003). Essa realidade está se

alterando a cada dia, mas este fato traz uma formação ideológica amarrada a uma memória discursiva construída culturalmente nas formações ideológicas e discursivas, pois ainda está se aprendendo a conviver em uma sociedade em que a expectativa de vida se amplia, e que se modifica na sua estrutura discursiva.

Nesta perspectiva, entende-se que o envelhecimento não constitui palco desconectado da realidade concreta atual dos sujeitos; pelo contrário, faz-se componente de uma realidade complexa que demanda conhecimentos e olhares refinados e, ao mesmo tempo, interligados. Presume-se que ter acesso a essa tecnologia ‘jovem’ (atual) faça S38 manter-se ‘jovem’. Será que, ao ter contato com essa ‘jovem’, o velho/idoso sente-se revitalizado? Dentre as inúmeras possibilidades de interpretação, a Análise de Discurso se insere e se presentifica como método de interpretação discursiva, podendo contribuir na reflexão geral sobre as condições de produção e apreensão da significação dos discursos produzidos nos mais variados contextos sócio-históricos.

Diante deste assunto, faz-se importante refletir sobre a construção dos sentidos que os discursos midiáticos, muitas vezes, imprimem nos sujeitos a respeito das questões do envelhecimento. É um tanto quanto comum ver, ler e/ou ouvir discursivamente sobre propagandas ou programas que prometem rejuvenescimento. Este rejuvenescimento, que é regido pelo capitalismo, pode ser entendido que ficar mais velho não faz parte do que esteticamente é belo, estimulando o ser humano para o desejo de adquirir a “fonte da juventude”, conferindo-lhe poder e até subjetividade. Essa construção de sentidos que os meios de comunicações são capazes de elaborar podem produzir falas como “*tinha rejeição por idade*”, podendo chegar ao ponto de “*eu já queria morrer nova*”. Isso não veio do sujeito em questão, está inscrito no já-dito.

Sobre este tema, Romão e Gaspar (2008, p. 07) afirmam que:

Recuperar memória e arquivo faz-nos reconhecer que o discurso não nasce no momento de sua enunciação, tampouco brota do sujeito como se ele fosse a fonte originária de todos os sentidos, mas que ele é atravessado pela historicidade, pela possibilidade de ser outro, pelos deslocamentos dados pelas condições de produção, o que implica considerar a exterioridade e a ideologia.

A questão aqui seria tentar identificar se houve a apropriação de uma formação discursiva apenas por não ter ferramentas suficientes para discutir a respeito do assunto em questão, ou somente por comodismo aceitando algo pronto, ou ainda, se de fato algo lhe tocou e lhe abriu possibilidades alheias ao seu arcabouço discursivo: “[...] *eu vou trabalhar o pensamento de outra maneira.*” Essa reflexão torna-se importante, pois pode remeter o

analista a uma posição discursiva sem neutralidade, mas que haja relatividade face à interpretação como elemento desencadeador da análise e da construção do dispositivo analítico, ancorada sob um dispositivo teórico. Na visão de Orlandi (2009), é necessário que o dispositivo perpassasse o efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito, pois investirá na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, ou seja, no equívoco, na falha, na materialidade, no trabalho da ideologia.

Contextualizando um pouco mais este cenário, Freitas (2010, p. 04) argumenta que:

Na esteira desse movimento, os antigos discursos sobre envelhecimento ligados à decadência e degradação física e mental precisam ser (re)alocados. O prazo de validade humana fora estendido de modo que urge a necessidade de constituir as bases sob as quais se erguerá um novo sujeito velho, uma nova identidade, mais harmônica com esse grupo substantivo de indivíduos que agora se mostram mais resistentes aos desvãos da vida/morte. É exatamente nesse contexto que a produção discursiva social se mobiliza e faz nascer o “novo velho/idoso”, um sujeito que se sustenta por uma série de outros discursos como o da Terceira idade, “melhor idade” e longevidade, por exemplo.

Contrapondo as no(vas)menclaturas e os efeitos de sentidos que se propunham para os sujeitos com 60 anos ou mais, têm-se os seguintes discursos, produzidos em momentos/ambientes simulados distintos “[...] *Se a terceira idade é a melhor, então eu quero ficar na pior (risos)*” (S17); “*É muito bonito falar, né [sic], ‘ai, a finitude’, não sei o que, a melhor idade, a pior idade. Pra [sic] mim é a pior idade, eu acho*” (S09); “[...] *Terceira idade tudo bem, mas não me venha com essa que é a melhor idade, porque isso eu não concordo. [...] não adianta botar no pacote porque eu não levo*” (S14).

Cabe aqui desvendar os significados das palavras “idoso” e “velho”, e da expressão “terceira idade”⁶. Recorreu-se ao dicionário de língua portuguesa (BORBA, 2002) e obtiveram-se as seguintes definições, idoso: adjetivo, qualificador de nome humano, de bastante idade, velho; pessoa de idade avançada: os idosos apresentam pele seca; velho: adjetivo qualificador, muito idoso; de época remota; gasto pelo uso, usado; que há muito possui certa qualidade ou exerce certa profissão; desusado, antiquado, obsoleto; pessoa idosa; usado em discurso direto para dirigir-se a alguém com intimidade e camaradagem; terceira idade: na faixa etária superior aos sessenta anos. Utilizou-se, ainda, o dicionário etimológico (CUNHA, 1996), que trouxe as definições a seguir, idoso: ver idade; idade: substantivo

⁶ Lima (1998) afirma que o termo terceira idade surgiu no final dos anos 60, na França, para expressar novos padrões de comportamento de uma geração que se aposenta e envelhece ativamente.

feminino, número de anos de alguém ou de alguma coisa, época de vida, época histórica, tempo; do latim *aetās-tātis*; idoso; velho: adjetivo, substantivo masculino; remoto, antigo, idoso, antiquado, gasto pelo uso; do latim *vetus-eris*; envelhecer, envelhecimento, velhice.

Diante do exposto, nota-se que as palavras “velho”, “idoso” e o termo “terceira idade” caminham lado a lado, podendo até mesmo ser similar. Nesse sentido, levanta-se a hipótese de que, por detrás das palavras ‘terceira idade’, que agrega o chavão ‘*a melhor idade*’, pode estar a negação dos outros lados reais acometidos nesta nova fase, como, por exemplo, a saúde biológica. Diz-se, ainda, que muitas vezes, não é por causa da idade em si que as pessoas começam a sentir certas limitações ou adoecem, mas a ausência de cuidados com seu corpo (consigo) durante uma vida, durante cada ano que viu passar. Responsabilizar a ‘idade’ quando já a tem parece o modo mais fácil de inocentar-se ao invés de discursivamente tentar produzir novos efeitos de sentidos para si.

Percebe-se que, no ponto de vista dos sujeitos, estas terminologias contemporâneas tiveram manifestações que convergem e divergem, pois aceitam de certa forma a terceira idade: “*terceira idade, tudo bem*”, mas não que ela seja a “*melhor idade*”, preferindo até “*ficar na pior (idade)*.” Lendo essas falas, tem-se a impressão de que os próprios sujeitos-idosos não foram ouvidos quando alguém determinou o termo terceira idade, a faixa etária da “*melhor idade*”. Melhor idade para quem?

Nesse cenário, a posição discursiva compartilhada pelos sujeitos nesse ambiente comum possibilita que cada um construa seu enunciado em posições incongruentes com aquilo que lhes é supostamente imposto. Sendo assim, percebe-se uma ausência de identidade por partes dos sujeitos-idosos, em que a falta de aceitação da ‘*melhor idade*’ talvez leve o sujeito a não concordar com tal condição, dificultando a aceitação de si, influenciando diretamente na sua vida e, conseqüentemente, no desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e funcionais.

Já a fala S19 “*nós vamos sair da terceira idade e vamos passar para quarta, né [sic], senhora? (risos)*” parece não só acolher bem sua própria ‘terceira idade’, como também quer passar para outra (ou criar) categoria que intitula como a ‘quarta’ idade. Ressalta-se, apenas, que se está falando de um sujeito com 83 anos, que fez atividades em dupla com uma senhora de 86 anos. Aqui a idade saiu de cena!

O S19 também evoca, ao final da atividade da “Oficina da Lembrança”, o seguinte enunciado “[...] *quem inventou essa máquina aqui foi um gênio, abriu a mente de todas as pessoas. Essa máquina serve para abrir a mente. [...] eu pesquisei várias coisas, entre elas, meu nome. Eu botei o meu nome ali, errei, mas com ajuda de uma grande pessoa,*

excepcional, com um conhecimento fora de série, me ajudou a separar as palavras. [...] a dificuldade ela [sic] é permanente, mas fiz o meu nome, avenida com meu nome, e apareceu uma avenida com meu nome e até achei muito bonito. E não é querer ser convencido, mas eu me considero um velhinho bonitinho, né [sic] (risos)."

Pode-se notar que este discurso elucida uma sequência discursiva intrigante, pois relaciona o idealizador do computador como 'um gênio' que é capaz de 'abrir a mente de todas as pessoas', que em decorrência disso possibilitou a pesquisa do sujeito em que 'apareceu uma avenida com meu nome', finalizando com 'eu me considero um velhinho bonitinho'. O discurso sugere que o sujeito tenha feito uma tentativa de testar essa genialidade, buscando saber se este 'velhinho bonitinho', como se autorreferiu, estava posicionado no esquecimento ou mantinha-se inserido neste arranjo virtual discursivo, que complementa, ao se 'encontrar' neste universo, 'até achei muito bonito'.

Diante disso, surge a indagação a respeito do 'gênio', que só o é por ter inserido o sujeito nesta posição discursiva? E se não tivesse se achado no mundo virtual, continuaria valorizando-o como gênio? Possivelmente, esta sequência verbalizada pelo sujeito fora formulada sem que tivesse consciência dela, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, atribuindo a si mesmo um grau de importância significativo ao se identificar nesse mundo complexo e, por que não dizer, identificar-se com um gênio.

Na mesma perspectiva do discurso anterior, porém em momentos distintos, o S25 anuncia "[...] vou te dizer, o homem que inventou o computador é um crânio, se faz tudo nele agora, né [sic]? Antigamente era só máquina de escrever, agora se faz tudo, tudo, tudo, né [sic]? Percebe-se que o sujeito pronuncia "vou te dizer" e interroga em seguida "agora, né [sic]?", "tudo, né [sic]?", parecendo necessitar de confirmação externa para aquilo que está se dando conta.

Sabe-se que a Análise de Discurso trata a linguagem como algo não transparente, em que existem muitas articulações, dentre elas, elege-se a memória discursiva versus formação ideológica, para justificar, neste caso, a opacidade do discurso, não se resumindo apenas ao dito. A memória discursiva do sujeito traz de volta a "máquina de escrever" inscrita em seu contexto discursivo por mais de três décadas em que expressa em outra oportunidade, "fui datilógrafa 34 anos, datilografava à beça, tudo." Desta maneira, infere-se que o sujeito assume uma posição, podendo deslocar-se, migrando até de uma posição a outra.

O conceito de formação ideológica pode contribuir para melhor compreensão dos discursos, que conforme Brandão (2004, p. 107) "é constituída por um conjunto complexo de atitudes e representações que não são individuais, nem universais, mas dizem respeito, mais

ou menos diretamente, às posições de classe em conflito umas com as outras.” Assim, dentro de uma formação ideológica podem existir inúmeras formações discursivas interligadas no discurso do sujeito.

O sujeito em questão expõe também que “*agora se faz tudo, tudo, tudo, né [sic]?*” O que seria para o sujeito este “*faz tudo*”, reforçado pelo “*tudo, tudo, né [sic]?*” O que englobaria esse “*tudo?*” O que estaria nesse entremeio? Na visão da Análise de Discurso, o entremeio liga a linguagem e sua exterioridade constitutiva, mostrando que não há separação estanque entre ambas (ORLANDI, 2007). Nesse discurso, as formações imaginárias também devem estar atuando na sua velocidade máxima, pois o sujeito se refere a este “*tudo*” quatro vezes. O que um sujeito de 81 anos que nunca tinha tido contato com esta máquina pode ouvir e, posteriormente, pensar sobre o computador e a Internet? Será que ele não busca no “*tudo*” uma forma de minimizar o não-tudo da idade, da velhice e da própria vida?

Em outra perspectiva, há uma realidade factual e sabe-se que dentro desse ‘*tudo*’ está o acesso à informação, redes de relacionamento social, lojas virtuais, operações bancárias, redes de serviços, pagamentos/recebimentos, cursos a distância, jogos, entre tantos outros. O acesso a essa máquina, a essa tecnologia, possibilita o sujeito-idoso, que vive em quatro paredes ou que goze de plena saúde, explorar o mundo, compartilhando, assim, uma posição discursiva equivalente a qualquer sujeito, nas mais variadas faixas etárias.

Ao pensar discursivamente sobre o que S12 apresenta “[...] *Professora, adorei esta aula, estou igual a um cego quando recupera a visão*”, podem-se considerar os processos parafrásticos (o mesmo) e os processos polissêmicos (o diferente). Para Orlandi (2009, p. 36):

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.

Cabe aqui pensar, quanto ao discurso revelador do sujeito, em parafrasear este “*cego*” que “*recupera a visão*”, podendo ser similar ou o mesmo que “*eu posso*”, “*eu consigo*”, “*me sinto incluída virtualmente*”, “*agora entendi o que estou fazendo*”, “*não tenho mais limitação/deficiência*”. Por outro lado, surgem algumas interrogações polissêmicas, pois por que uma aula que propõe escrever um texto no *Word* resgataria tal visão? Por que se sente cego, se biologicamente não o é? A que visão/cegueira estaria se referindo? É uma visão que cega ou um cego que vê? Isso seria romper as deficiências?

Esta nova linguagem virtual globalizada, mediada pelo computador e a Internet, materializa-se no discurso de tal forma que, a partir do enunciado do S12, autoriza-se pensar na possibilidade desta máquina ter não só ativado um dos cinco sentidos, mas como também ter se tornado um “sexto” sentido, passando a ter um efeito de sentido discursivamente significante na vida do sujeito.

Diante do desfecho da fala anterior, elege-se a próxima, por entender que se trata do mesmo discurso, expresso por sujeito e condições de produção diferente, mas que se apresenta numa forma discursiva mais elaborada e com mais clareza sobre os efeitos de sentido que o uso do computador pode produzir aos idosos que estavam excluídos digitalmente.

O sujeito a seguir propaga que “[...] pra [sic] mim, entre todas as aulas, hoje me deu até aquela alegria de criança esperando Papai Noel (risos). [...] Porque eu não sei jogar nada, nada, nada a não ser a paciência, nada. A minha mente tá [sic] muito fechada. [...] Hoje eu senti, senti firmeza, que a minha mente tá [sic] se abrindo pra [sic] [...] Sinceramente eu não achei que eu ia conseguir. Amei, tanto que passou assim, zumm [...] Foi a minha melhor aula porque eu senti mesmo que a minha mente tá [sic] funcionando, tá [sic] abrindo, depois que eu comecei aqui, entendeu? [...] Quando era pequena, só jogava burro, aí a gente tinha que trabalhava [sic] muito como doméstica e não tivemos [sic] oportunidade de mais nada. Talvez o meu problema, de depressiva e síndrome do pânico, essas coisas, seja da minha mente fechada, seja de eu só trabalhar e não saber fazer mais nada. Por isso, assim, que esse jogo valeu pras [sic] aulas todas, todas. Hoje me levantou o astral pra [sic] semana toda. Vamos treinar para o próximo ano a gente vir craque também” (S31).

O discurso em análise desvela-se por meio do lúdico (jogos), trazendo a “criança” (que se comportou) que acredita e encontra-se à espera da figura lendária, do “Papai Noel”. Neste sentido, talvez, o sujeito com a “mente fechada” discursiviza sua abertura por se sentir capaz de entender e fazer uma atividade que lhe foi proposta e que inicialmente “eu não achei que eu ia conseguir”. Ao permitir uma abertura para sua criança o sujeito sente “alegria”, pois a mente da criança é considerada aberta porque tudo está por ser construído, inclusive todas as formas discursivas, de aprendizagens, etc..

Muito provavelmente, o contexto sócio-histórico onde está inserido, até o momento, não lhe proporcionava algo semelhante, pois reconhece que “trabalhava muito como doméstica e não tivemos oportunidade de mais nada”, complementando, não nesta mesma ordem, mas que, além disso, “só jogava burro”. Nesse momento, há uma tomada de consciência em relação à sua vida, mais precisamente sobre sua saúde biológica e psíquica

diagnosticada como “*depressiva e síndrome do pânico*”, o que lhe possibilita migrar para outras formações discursivas e ideológicas, alterando o curso de sua memória discursiva “*Talvez o meu problema [...] seja da minha mente fechada, seja de eu só trabalhar e não saber fazer mais nada.*”

Propositamente, fez-se aqui quase uma análise na perspectiva do conteudismo, “que supõe uma relação termo-a-termo entre pensamento/linguagem/mundo, como se pudesse existir uma relação natural entre palavras e coisas. Pois é ainda o conteudismo que está na base da constituição da relação entre verdadeiro/falso no domínio da produção de sentidos”, como define Orlandi (2002, p. 99).

Cabe, ainda, pensar: será que esse discurso faz do sujeito um “*burro*” de carga? Pensa-se desta forma, pois “*trabalhava muito*” em um serviço pouco valorizado socialmente, mas pesado (braçal), sem oportunidade para mais nada, sobrando tempo apenas para jogar ‘*burro*’. Com isso, nota-se que atrás do que praticamente mostra-se como óbvio, existem significações muito mais complexas, pois revela, entre tantas coisas, uma memória discursiva socialmente construída nas bases das relações de poder autoritário, em que o sujeito, para sobreviver, se priva do próprio “ser” para poder “ter” e alimentar-se, em sua forma literal, esquecendo-se de nutrir suas tantas outras capacidades, dentre elas, as cognitivas, funcionais e lúdicas.

Nesta perspectiva dos jogos, apresenta-se uma fala que chama a atenção em vários aspectos, ficando mais marcante o seguinte corte “[...] *Olha, eu confesso que eu penei neste jogo de hoje (risos). Eu penei porque eu nunca gostei do baralho. [...] Eu adoro jogos [...] que não seja cartas. Mas, quando entrou na carta, eu [sic], parece assim que a minha memória descarta (risos). [...] tenho um bloqueio de cartas, porque eu gostava muito do meu avô, e o meu avô não jogava, e o meu avô dizia que baralho era coisa do diabo. Já o meu pai jogava, ele jogava aquele truco, bazará. Então, nossa, aquilo ali era só adulto que mexia, criança não mexia. [...] a gente foi tentado, mais o burro, né [sic]. Mas, eu sempre tive este bloqueio contra o baralho que talvez seja isso. [...] não quer dizer que seja real, mas a gente foi repetindo um padrão, né [sic]*” (S24).

Deste modo, nota-se que o discurso dos jogos em geral evidencia um bloqueio para o aprendizado dos mesmos “[...] *minha memória descarta*”, podendo até estar presente em relação a outros aprendizados com configuração semelhante. Este discurso apresenta sua memória discursiva, que por meio do arquivo assinala ainda suas formações discursivas e ideológicas. Logo, entende-se que o sujeito é fisgado pela ideologia e atravessado por palavras que não originaram de si, mas migram em seu discurso, como, por exemplo, “*meu*

avô dizia que baralho era coisa do diabo”. Isso constituía para o sujeito quase que uma proibição moral, imprimindo também um bloqueio enorme que o sujeito “*(des)carta*”.

Acolhe-se, ainda, o corte em que o sujeito diz “*eu penei porque eu nunca gostei do baralho*”, sugerindo um sofrimento ao ser colocado diante de algo que foi discursivamente construído e que até o momento estava, de certa forma, adormecido em seu arquivo discursivo. A palavra “*penei*” lembra pena, que significa castigo, e que pode remeter o sujeito a uma punição ao retomar algo que lhe era proibido, mas que ao tentar fazer a atividade toma consciência que este discurso “*meu avô dizia que baralho era coisa do diabo*” foi implantado ao seu quando expressa, não nessa mesma ordem, “*a gente foi repetindo um padrão, né [sic]*”, “*eu sempre tive este bloqueio contra o baralho que talvez seja isso*”, ou seja, foi (re)produzindo discursivamente.

É importante relatar que a pesquisadora, ao procurar sobre a história da origem dos jogos, encontrou muitos *sites*, a maioria de ordem religiosa, intitulado como “diabólico jogo das cartas”, e narrando, por exemplo, que:

As cartas foram criadas no ano 1392 para o uso pessoal do rei Carlos da França, visando minorar os seus sofrimentos de debilidade mental. O criador das cartas era um homem degenerado e mal, escarnecedor de Deus e seus mandamentos. Para a sua criação maligna escolheu as figuras bíblicas. O rei representa o diabo, a dama, Maria, a mãe do Senhor Jesus. Assim de modo blasfemo fez de nosso Senhor um filho de Satanás⁷.

Sendo assim, a ideologia marca a naturalização dos sentidos, ou seja, ela trabalha produzindo efeitos de evidência, dando a impressão de transparência nos significados para o sujeito em determinada posição. Conforme Orlandi (2007, p. 31):

É a ideologia que produz o efeito da evidência, e da unidade, sustentando sobre o já dito os sentidos institucionalizados, admitidos com “naturais”. Há uma parte do dizer, inacessível ao sujeito, e que fala em sua fala. Mais ainda, o sujeito toma como suas as palavras da voz anônima produzida pelo interdiscurso (a memória discursiva).

Considera-se, assim, que a ideologia pode ser interpretada no sentido de certa direção estabelecida pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários, como foi o caso do sujeito acima.

⁷ Disponível em: <http://www.jesusvoltara.com.br/atuais/jogo_cartas.htm>. Acesso em: 30 abr. 2011.

Interessante também refletir sobre o jogo que tem o nome de ‘burro’⁸, e que foi referenciado não só pelo S24 “[...] *a gente foi tentado, mais o burro, né [sic]*”, como também pelo S31 “[...] *Quando era pequena só jogava burro*”, em que o jogador, ao perder, soma-se a quantia de cada carta e o resultado dessa soma fica sendo os anos em que o sujeito ficará ‘burro’. Imagina-se que, pelo fato de praticamente ter jogado apenas o ‘burro’ enquanto criança, o sujeito tenha perdido em muitas ocasiões, sendo esse discurso reforçado por diversas vezes, podendo até ter virado uma autopercepção: ‘se eu perco, sou burro’. Esse jogo de cartas, em sua cruel inocência, pode imprimir nessa criança que é autorizada apenas a brincar com esse jogo, efeitos de sentidos adversos, entre eles, a incapacidade de cognitivamente aprender a jogar algo diferente, ou simplesmente aprender algo diferente. Percebem-se, assim, os vestígios de suas filiações ideológicas que escapam por meio do discurso.

Diante do exposto, apresentam-se os discursos dos sujeitos “[...] *faz mais de 25 anos que sou aposentado, né [sic]. E em casa, só vou ver paciência, né [sic] (risos) pra [sic] abrir a mente. Paciência pra [sic] mente só, e o resto, meu esporte é pescaria, a minha mente tem ficado mais parada*” (S08); e “*está sendo muito interessante para nossa capacidade motora porque em casa eu só pego um pão e um copo de café, não faço mais nada, aqui eu sinto que a mente se abre*” (S36).

Estes discursos convergem com as hipóteses interpretativas levantadas anteriormente e suscitam pensar sobre sua participação no programa da ‘Oficina da Lembrança’ e sobre o foco principal desta pesquisa que são os discursos das possíveis alterações cognitivas e funcionais. A abertura da mente se daria pelo fato de estarem nesse programa, ou esse fenômeno aconteceria também se estivessem fazendo outras atividades além das já conhecidas como “[...] *paciência pra [sic] mente*” ou porque “[...] *em casa eu só pego um pão e um copo de café, não faço mais nada*”.

Nota-se, assim, que existe uma carência de informação, de estímulos para que os sujeitos exercitem o corpo, a mente, bem como sua rede de relacionamentos afetivos

⁸ Burro é um jogo de cartas fácil de se jogar. O objetivo do jogo é ficar sem cartas na mão. O último jogador que permanecer com alguma carta perde, e é o “burro”, conta-se o número de cartas que esse jogador ainda tem, é costume tirar-se uma carta chamada “ano de perdão” e o resultado são os “anos de burro” do jogador perdedor. Este jogo não tem número limite de jogadores. Cada jogador recebe quatro cartas. O jogador à esquerda do distribuidor começa jogando na mesa a carta mais alta que tiver na mão, de qualquer naipe, por exemplo, um 8 de copas; o segundo jogador tem de jogar outra carta de copas no “monte” (é obrigado a assistir). Se tiver uma carta de copas, o jogo prossegue com o próximo jogador da mesma forma, se não, ele compra do “bolo” (baralho) até obter uma carta desse naipe. Ganha o direito a iniciar a próxima rodada o jogador que colocar a carta mais alta na mesa. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Burro_\(jogo_de_cartas\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Burro_(jogo_de_cartas))>. Acesso em: 30 abr. 2011.

(amigos), familiar e amorosa. Percebe-se, ainda, certa acomodação por parte destes sujeitos discursivos, sem ignorar o contexto sócio-histórico na sua totalidade, que muitas vezes, estimula-os, social e culturalmente, a fazer tudo igual, a fazer tudo dentro do esperado.

Finalizando o assunto sobre os jogos, apresenta-se também o seguinte enunciado: “[...] *Eu notei que todos falam mal dos jogos, não sei se é a geração ou se é preconceito, mas achei interessante*” (S05). O sujeito em questão percebe que muitos de seus colegas, da ‘Oficina da Lembrança’, sentem certo mal estar quando a atividade está pautada nos jogos, arriscando ser a “*geração*” ou “*preconceito*”, o que reforça, de alguma maneira, o que vem sendo refletido e discutido a respeito desse tema.

O discurso do S05 assinala, também, em outro momento, a seguinte fala “[...] *acho que estou tirando um tempo para mim.*” Interessante o fato de o sujeito associar esse novo aprendizado com um tempo para si. Num primeiro momento, a questão de extrair um tempo para si é vista de forma positiva, entendendo-se que o sujeito está se cuidando de alguma maneira. Mas, num segundo momento, numa releitura surge uma indagação: como “*tirando um tempo para mim*”? Antes o tempo era tirado para quem? Como é roubar um tempo do seu próprio tempo? Tirar “*um tempo*” para si pode ser lido como roubar um tempo de vida de sua própria vida, de seu próprio tempo, que não tem ou teve, e que inexoravelmente caminha para a morte. É conveniente refletir o quanto de ‘nós’ existe nesse discurso, o quanto esse discurso é comumente utilizado por ‘nós’. Quantos de ‘nós’ já se perguntou “*estou tirando um tempo para mim?*” ou relatou um fato a alguém em que expressasse “*estou tirando um tempo para mim*”.

Esse discurso pode remeter à presença de uma ausência de vivências sociais, ou algo neste sentido, em que os sujeitos vão-se sumindo em suas próprias vidas e já não assumem mais com clareza sobre o que querem ou não fazer, o que gostam ou não gostam, o que sentem ou não sentem. Parece faltar transparência para decidir o que querem comer, o que vestir, ao que assistir na TV, o que ler, em quem votar, ou ainda, o que aprender. Sim, porque se presume que se o sujeito não ‘tira um tempo para si’ vai arrancar um tempo para/por quem?

Ressalta-se, ainda, que existe, por um lado, a compreensão em relação aos discursos dos sujeitos-idosos, mas, por outro, pode haver certa indignação em virtude da posição discursiva que o sujeito-idoso ocupa na perspectiva ideológica (formação ideológica) ao longo dos tempos. Neste sentido, Achard et al. (1999, p. 64) expõem que:

o sujeito é assujeitado, pois para falar precisa ser afetado pela língua. Por outro lado, para que suas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido. Assim é que dizemos que ele é historicamente determinado, pelo interdiscurso, pela memória do

dizer: algo fala antes, em outro lugar, independentemente. Palavras já ditas e esquecidas, ao longo do tempo e de nossas experiências de linguagens que, no entanto, nos afetam em seu “esquecimento”. Assim como a língua é sujeita a falhas, a memória também é constituída pelo esquecimento; daí decorre que a ideologia, diz M. Pêcheux (1982), é um ritual com falhas, sujeito a equívoco de tal modo que, do já dito e significado, possa irromper o novo, o irrealizado. No movimento contínuo que constitui os sentidos e os sujeitos em suas identidades na história.

Dessa forma, tem-se a impressão, ao ler esse discurso, que os sujeitos ligam um botão, o botão automático discursivo e simplesmente vão fazendo coisas, esquecendo-se de pensar, sem mais questionar ou discutir a respeito da sua vida, da sua comunidade, da sua cidade, muito menos do seu país. Passam os dias, muitas vezes, apenas aceitando o seu entorno assim como se apresenta, quase sempre, só reclamando. E o que se percebe, em muitos momentos, é que quando chega a aposentadoria, a terceira idade, a velhice, querem justificar que ‘estão velhos’, que depois que se aposentou muita coisa mudou, que a idade é sinônimo de incapacidade, de inutilidade, de degradação, de finitude, passando despercebido que, em contrapartida, a idade pode ser sinônimo de sabedoria pelas experiências vividas.

A participação dos sujeitos com poucos anos de estudo formal nesse programa mediado por computador e Internet chama a atenção, pois se subentende que esse novo aprendizado é um degrau que se sobe após a alfabetização. Mas, talvez não seja nessa mesma ordem para esses sujeitos. A seguir, têm-se os seguintes enunciados: “[...] *Foi difícil, as palavras, ai, pra [sic] mim é difícil, já tava [sic] até com dor de cabeça (risos)*” (S36); “[...] *Hoje é meu primeiro dia e eu achei maravilhoso só pelo fato de estar na frente do computador e já conseguir escrever alguma coisa, meio errado, meio misturado, mas é eu [sic]*” (S37); “[...] *Eu já contei a minha história aqui, os outros na escola faziam por mim, mas agora vou aprender a fazer sozinha, senão não aprendo, senão vou morrer de velha e não vou aprender [...]* Já sei escrever bobo da corte, claro, cada vez a gente vai subindo mais numa aprendizagem, né [sic]” (S38); “[...] *eu não consigo assim, gostar de ler bastante. [...]* Quando não consigo, tem uma ansiedade que me incomoda, daí [sic] mexe o sistema nervoso, dá gastrite, daí [sic] a mão fica tremendo [...] eu tenho que aprender a não ter pressa, porque pra [sic] mim é tudo com muita pressa. [...] *E vocês são bons professores, né [sic], estão tendo paciência com a gente*” (S39); “[...] *Não escrevemos a hortaliça porque não sabíamos o que era [...]* foi difícil de a gente achar as coisas na mente. A gente tem que estudar mesmo, tem que estudar muito as letras pra [sic] fazer direito as palavras. Mas, eu saiu [sic] daqui aprendendo mais um pouquinho, agora já sei mexer em outras coisas aqui no moço (computador). Cada dia eu aprendo uma coisinha, eu só preciso estudar mais, né [sic], vou pesquisar sobre hortaliça” (S40).

Por meio dos enunciados acima, autoriza-se a refletir que mesmo com muita dificuldade para ler e escrever, algo desperta o interesse desses sujeitos no que diz respeito à utilização dessa máquina. O que seria esse ‘algo’ que desperta? O que leva o sujeito a querer aprender a utilizar uma tecnologia de ponta, sem entender basicamente o que está fazendo? Será que se habituou a sobreviver neste universo discursivo “[...] *meio errado, meio misturado*” e que ilusoriamente tem a convicção “[...] *mas é eu*”. Será mesmo importante ler e escrever para esses sujeitos? Entre tantas palavras, por que escolher “*bobo da corte*”? Estaria inconscientemente se referindo a si mesmo pelos acontecimentos que se deram em sua vida ou fazendo referência a alguém? Por que a ansiedade dispara se o sujeito não consegue fazer alguma coisa? Por qual motivo a “*paciência*” é confundida com “*bons professores*”? Por que se referem ao computador como “*moço*”? Se aprender a utilizá-lo, há possibilidades de se identificar com o “*moço*”, com algo jovem, da atualidade? Mesmo não tendo estudado de maneira eficaz, como esses sujeitos conseguem aprender a manusear e acompanhar as atividades no computador? Será essa uma maneira de incentivá-los a aprender a ler e escrever de forma correta? “[...] *vou pesquisar sobre hortaliça.*”

Sem ter a pretensão de responder a essas perguntas por saber que é impossível esgotá-las, devido à riqueza que cada enunciado produzido representa, mostra-se que essa virtualização possibilita essa fusão discursiva, ou melhor, essa confusão de posições discursivas, diante do computador, que ora “[...] *tava [sic] até com dor de cabeça*”, ora “[...] *eu achei maravilhoso*”, em alguns momentos sentia-se “[...] *subindo mais numa aprendizagem, né [sic]*”, em outros quase como uma obrigação “[...] *é isso que eu **tenho** que aprender*”, e esbarrando com uma limitação “[...] *mas foi difícil de a gente achar as coisas na mente.*”

Supõe-se que pelo fato de existir uma limitação factual no mundo das letras, esses sujeitos arrastem esse obstáculo para o âmbito discursivo, pois, ao quererem formar palavras ou até mesmo pensar em vários desfechos para a mesma situação, se dão conta que é necessário “[...] *puxar um pouco mais pela cabeça*”, em que o fazem, “sem que isto estivesse em suas intenções, mas determinados pelo modo como eram afetados pela língua e pela história, seu gesto de interpretação produzia todos esses efeitos.” (ORLANDI, 2009, p. 30). Nesse sentido, esses discursos supostamente evidenciam que o computador e a Internet podem ser usados como ferramentas de aprendizado, tanto no que tange à alfabetização quanto no que diz respeito à estimulação e reabilitação cognitiva e funcional.

Diante deste panorama discursivo das letras e das palavras, resgata-se a fala de S02, pois se entende que, teoricamente, o discurso produzido percorreu um caminho mais

conhecido, em que um aprendizado deu base para desvelar outro, e assim por diante. *“[...] estou menos afobado [...] reativou a memória, melhorou a paciência. Tinha a mente bem dispersa e agora consigo me concentrar e focar melhor. [...] Estou mudando minha postura em relação às coisas e as outras pessoas perceberam isso. [...] Quero escrever um livro. [...] Tudo começou porque tentei me aproximar do uso do computador [...] Hoje estou tentando levar o exercício à frente, por isso entrei numa escola de informática, e até estou tentando lembrar de coisas da minha vida, desde criança, como era na minha casa e escrevendo.”*

Diante disso, levantam-se algumas hipóteses, como, por exemplo, será que esse sujeito tinha problema de memória ou dificuldade de concentração? Expõe-se isso pelo fato de que quando a concentração sai de cena, os efeitos são sentidos na memória, pois como é possível lembrar algo sem ter prestado a devida atenção no que está fazendo? Dessa forma, apresenta-se mais um enunciado de S02, que expresso em outro momento pode esclarecer melhor a suposição manifestada: *“[...] trabalhando eu vi que ainda estou afobado porque não enxergava os comandos na tela. Na minha afobação eu aperto uma tecla qualquer e aperto errado. Não tenho paciência.”*

Resta dizer que, ao manusear o computador e navegar na Internet, o sujeito tenha constatado que nada adianta fazê-lo com afobação, sendo necessário experimentar outras maneiras de realizar a mesma coisa, ou seja, fazer uma ação de cada vez. Nota-se, aqui, que o discurso expresso pelo sujeito metaforiza sua ansiedade pelo significante *“afobado”*, podendo essa ansiedade ser vista como uma barreira que, ao ser realocada, disponibilizou um espaço para *“concentrar e focar melhor”*, ampliando os efeitos de sentido que agora eram percebidos também em sua paciência e no funcionamento de sua memória, despertando até o desejo de *“escrever um livro”*.

Nessa perspectiva de abrir espaço para novas atividades ou de fazê-las de outras maneiras, tem-se a fala de S05 que anuncia: *“[...] eu só queria dizer algo [...] Eu tô [sic] tentando dirigir, eu tenho minha carteira há 20 anos, sei lá... [...] Já fiz, renovei, já fiz aulas [...] Porque eu tô [sic] começando a fazer umas coisas que eu não fazia, né [sic]. [...] eu acho que estão me fazendo bem estas aulas. Ontem eu comecei a ir na [sic] academia, por incrível que pareça, tô [sic] desde o inverno me planejando.*

Esse discurso torna-se um tanto quanto curioso pelo fato do sujeito relacionar as atividades da “Oficina da Lembrança” com começar a realizar *“coisas que eu não fazia”*. O que teria a ver o ato de dirigir ou começar na academia com manusear o computador? Quais são os possíveis efeitos de sentidos que esses encontros imprimem nos sujeitos?

Nota-se, aqui, que, talvez, o contexto construído nesse espaço de aprendizagem favoreça para que esses discursos sejam produzidos, pois se trata de um grupo formado por sujeitos da mesma idade e que, teoricamente, se identificam mais facilmente, permitindo destravar certos desejos sufocados, ou melhor dizendo, pulsionando buscar outros sentidos dentro do seu universo discursivo, pois “ao falarmos nos filiamos a redes de sentidos, mas não aprendemos como fazê-lo, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente.” (ORLANDI, 2009, p. 34).

Percebe-se que há, nesse discurso, algo que se movimenta nas bases das formações discursivas, em que existe não só um algo que se move no que diz respeito à produção de seu próprio discurso, mas também no que tange às suas formações discursivas e ideológicas bem como a (re)construir sua memória discursiva.

Deslocando-se desse cenário discursivo, entra-se em outro, em que S15 verbaliza a seguinte frase “[...] *Eu li, mas eu não entendi para explicar, eu tenho esta dificuldade*” (S15). Apenas para ficar mais claro, a atividade proposta nesse dia consistia em escolher uma reportagem com assunto de seu interesse na Internet, e após todos lerem no computador, socializou-se o que foi lido para o grupo. Aparentemente é uma atividade sem muita complexidade, esperava-se até eliciar outro resultado com esta atividade. Acreditava-se que os sujeitos manifestariam alguma dificuldade em relação ao manuseio do computador, ou da utilização da Internet. Porém, após a atividade, o S15 expõe logo sua constatação “*eu não entendi para explicar*”. Em que posição discursiva se encontra esse sujeito de modo que cria as condições para a produção de não-sentido? O sujeito não entendeu, abrindo-se para o não-sentido, o que leva a pensar que algumas situações imprimem efeitos de sentidos e não outras. Nesse caso, a atividade proposta produziu um efeito de sentido diferente do esperado. E esse é um ponto que a Análise de Discurso considera o não-sentido do sentido, em que também é visto como um sentido possível. O sentido não para, ele muda de caminho. (ORLANDI, 2002). Percebe-se, assim, a importância de uma escuta apurada e bem desenvolvida pelo profissional da área da saúde, possibilitando ouvir os entremeios que extrapolam a esfera do linguístico, acolhendo o que o sujeito expressa.

A seguir, são enfatizados alguns momentos em que os sujeitos trouxeram também a memória⁹ fisiológica como assunto principal, em que se tem a impressão, em um instante inicial, de se tratar da fala de apenas um sujeito, pois os enunciados se complementam e continuam de certa maneira: “[...] *A aula de hoje ativou algumas lembranças e mostrou que eu preciso prestar mais atenção no que eu faço*” (S03); “[...] *comecei a lembrar dos telefones*

⁹ Na perspectiva biológica e não do ponto de vista da Análise de Discurso.

sem precisar consultar a agenda” (S04); “[...] pareço estar mais espertinha [...] o nome das pessoas eu esquecia e o nome dos objetos também esqueço ainda, mas não tão fácil (risos)” (S09); “[...] Eu acho que tenho que exercitar a minha memória para evitar que atrofie, tenho tido perda de memória e não quero que isso vá para frente. Estou curiosa e quero aprender e conviver com outras pessoas” (S16).

Em um primeiro momento, com base nesses discursos, nota-se que os sujeitos relatam questões sobre a autopercepção do funcionamento da sua memória. Essa questão torna-se intrigante, e já foi discutida anteriormente, pois o que mobiliza no sujeito que participa desse programa “*a lembrar dos telefones sem precisar consultar a agenda*”? Estariam esses sujeitos fazendo outras atividades paralelamente à “Oficina da Lembrança” com o intuito de estimular e reabilitar a memória? O fato de estarem fazendo esse programa desperta o interesse por outras atividades que gostariam de realizar? O que muda é a memória, a atenção ou a sua autopercepção?

Em um segundo momento, as formas contínuas e ininterruptas com que esses discursos se apresentam lembram a figura da banda (ou fita) de Möebius¹⁰, que segundo Ávila (1997, p. 38), “trata-se de uma figura onde se processa uma continuidade completa, onde não existe interior e exterior, e seu uso em Psicanálise deve-se a Jacques Lacan (1973).” Articula-se, assim, a banda de Möebius com os discursos mostrados previamente, em que se percebe que quando um sujeito produz um discurso, e que teoricamente termina, outro sujeito continua esse discurso, ou seja, o discurso manifestado é relativamente o mesmo. Essa continuidade e interdependência podem ser vistas também nos conceitos da Análise de Discurso, pois à medida que esses conceitos caminham na fita de Möebius, vão se modificando, não em sua forma literal, mas no sentido de que um conceito se perpassa por outro conceito, e na verdade todos eles se engendram em si, não há um conceito fechado, rígido. Existem, sim, a relação do sujeito com a memória discursiva, o entremeio, as formações discursivas e ideológicas, com o equívoco, com a falha, com o contexto sócio-histórico, sempre subsidiado numa materialidade discursiva.

¹⁰ “Criada em 1861 pelo matemático Ferdinand Möebius, que a definia como “*unilátera e não direcionável*”. Fisicamente sua construção é bastante simples: toma-se uma tira de papel, colam-se suas extremidades, procedendo-se antes, no entanto, a uma torção no sentido longitudinal da tira. Forma-se assim uma espécie de anel, que lembra um oito. Banda é uma folha de papel que não tem frente e verso, possui um único lado. Esse lado, quando percorrido, conduz ao outro. Em seu conjunto, não se pode dizer onde é a frente, onde é o alto, onde é o fundo ou o baixo. Não tem dentro nem fora. Não se orienta no espaço, ou se orienta igualmente, como um objeto mergulhado em espaço topológico. Se ela é cortada, desfazem-se suas propriedades, mas se ela for cortada longitudinalmente, em sua “alma” (é o termo matemático) formam-se duas faixas: uma orientável, com dentro e fora, e outra Banda de Möebius, não orientável.” (ÁVILA, 1997, p. 38).

Retoma-se, assim, os discursos produzidos pelos sujeitos a respeito da memória fisiológica, hipotetiza-se que essas atividades se juntem a outras e que contribuam para os sujeitos pensarem, elaborarem e, por que não, a agirem de maneiras diferentes a que, de certa forma, estão acostumados no dia-a-dia. Neste sentido, leva-se a banda de Möebius para a vida dos sujeitos, dizendo que uma situação não funciona desarticulada de outras, todas elas agem conjuntamente, andam sobre a mesma superfície. Talvez a “Oficina da Lembrança” seja um pontapé inicial na reabilitação cognitiva e funcional na vida desses sujeitos, mas que só ela, isoladamente, não teria condições de eliciar discursos profundos como os que se tem oportunidade de ver nesta pesquisa, sendo esse um dos caminhos possíveis. Nesse contexto, “os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística” (ORLANDI, 2009, p. 16). Com isso, reflete-se que o sujeito em questão foi atrás da sua curiosidade, alimentando sua vontade de aprender, mobilizado pelo desejo de querer “[...] *conviver com outras pessoas*”.

Na sequência, serão apresentadas as falas dos sujeitos que refletem a respeito da importância desse convívio social em sua vida: “*Eu gostei, me distraí um pouco da minha rotina e conheci pessoas*” (S03); “[...] *Esse nosso encontro faz brotar a amizade, faz até a gente evocar coisas*” (S10); “[...] *eu gosto da coletividade assim, da sociedade humana, do aconchego*” (S11); “[...] *bater um papo, porque eu fico muito sozinha em casa*” (S12); “[...] *eu adoro conversar, olha, eu nem conheço as pessoas e eu já puxo conversa, sou carente, carente, carente, carente [...] De falar, de as pessoas prestar [sic] atenção em mim ‘olha, eu tô [sic] aqui, ô, eu existo’, sabe como é?*” (S13); “[...] *Só o fato de estar aqui reunida com pessoas da mesma idade já foi tudo de bom*” (S15); “[...] *Esta convivência aqui me faz muito bem*” (S16); “[...] *Meu outro filho disse para nem vir na oficina, mas foi muito bom ter vindo, porque só assim consegui falar um pouquinho e chorar um pouco, né [sic]*” (S27); “[...] *eu não vejo a hora que chegue a segunda-feira para vir pra [sic] cá*” (S31); “[...] *Estou aqui para sair de casa porque sou muito acomodada (risos)*” (S32); “*Enquanto este convívio permanecer, e enquanto eu for vivo, eu vou vir aqui toda vida.[...] eu venho aqui, joga a tristeza fora e fico alegre*” (S19); “[...] *eu acho muito interessante porque aqui a gente se sente assim como se fosse um recreio, né [sic], da nossa vida lá de fora, né [sic]. Trocando figurinha, onde não tem aquela cobrança, né [sic], e que a gente mesmo tem condições de se autoavaliar, a gente não fica avaliando os outros, a gente se autoavalia*” (S14).

Esses discursos remetem às últimas hipóteses interpretativas apresentadas, em que se esboçou a existência de uma possível ligação das várias atividades desenvolvidas entre si

realizadas pelos sujeitos. Diante disso, esses recortes aqui expostos reforçam, de certa forma, que a superfície que os sujeitos caminham na banda de Möebius pode ser realmente a mesma, pois valorizam, muitas vezes, não a atividade nela mesma e sim o que esse convívio desperta em seu ser.

Frente a isso, pode-se pensar também que esses encontros, no hoje, lhes tragam lembranças antigas, dos tempos de escola, como de quando eram crianças ou na adolescência, que todas as turmas se encontravam “*recreio*”, que brincavam e interagiam sem “*cobrança*”. Diante do exposto, relembra-se que a Análise de Discurso não busca uma verdade oculta por meio da interpretação, pois essa verdade não existe. O que existe é o método, é a construção de um dispositivo teórico, são os gestos de interpretação que o constituem, e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2009).

Nesta perspectiva, esse dispositivo analítico convida a refletir sobre as condições de produções em que esses discursos foram manifestados, pois o fato dos sujeitos fazerem a mesma atividade, de se identificarem com um grupo heterogêneo em muitos aspectos, muitas vezes, possibilita o aprendizado, a interação que, conseqüentemente, permite “[...] *as pessoas prestar [sic] atenção em mim, ‘olha, eu tô [sic] aqui, ô, eu existo’*”. Nota-se, assim, que muitos desses sujeitos gostam de estar nesse ambiente não apenas porque vão aprender alguma coisa nova ou algo nesse sentido, mas estão ali para serem ouvidos, para existirem, para significarem para o outro, podendo ainda “*se autoavaliar*”.

O enunciado a seguir discorre também na perspectiva do convívio social, mas coloca essa questão muito mais como uma necessidade do que como um desejo: “[...] *Eu me sinto sempre muito sozinha, aí [sic] a gente se aposenta, é solteira, aí [sic] fica sem família. Então, **tenho** que fazer [sic] muitos relacionamentos. [...] Eu **preciso** encrencar menos. Eu **tenho** que melhorar, melhorar minha autoimagem porque, às vezes, eu não consigo me olhar no espelho, me sinto diferente. A gente passa muito tempo cuidando do outro e, às vezes, esquece da gente, e daí quando chega a certa idade, a gente se olha no espelho, e já passou [...] cuidei da minha mãe durante muito tempo, entendeu? Aí [sic] quando eu vi, já tava [sic], né [sic], tava [sic] mais pra [sic] lá do que pra [sic] cá, [...] eu **tenho** que cuidar dessas perebas [sic], né [sic], e vou ver se dou um salto por cima*” (S09) (estava emocionada no final do seu relato).

Como foi colocado anteriormente, esse discurso parece mostrar mais uma necessidade do que um desejo, pois cortando os recortes, tem-se uma tomada de palavras que leva a pensar dessa forma: “*preciso fazer*”, “*muito sozinha*”, “*solteira*”, “*sem família*”, “*tenho que fazer*”, “*tenho que melhorar*”.

Do ponto de vista da formação ideológica o sujeito pega para si a responsabilidade de cuidar de sua mãe, que, em contrapartida, se dispõe em uma posição discursiva que acaba esquecendo-se si, esquecendo do seu eu. O discurso remete ainda a um *insight*, se é que pode ser chamado assim, no que tange à sua autoimagem, “[...] às vezes eu não consigo me olhar no espelho, me sinto diferente”, que pode ser positivo, possibilitando refletir um pouco mais a respeito de si, de sua vida e de seus relacionamentos, podendo até sair da necessidade e desejar dar “[...] um salto por cima”.

Na sequência, o próximo discurso está ainda relacionado com o convívio social, ampliando-o para além das atividades que são realizadas na “Oficina da Lembrança” e se voltando mais para a vida em comunidade: “[...] me deixou a pensar [...] e eu já estou me dando um puxão de orelha e pensando em modificar a minha vida. [...] ter mais convívio dentro da comunidade, a gente tem, mas quero ter mais, que hoje a gente mora, mora numa casa.” (S07).

Em relação ao discurso, nota-se uma tomada de consciência a respeito de sua vida, levando-o “[...] a pensar” a respeito da sua participação social na sua comunidade. O fato de verbalizar que mora numa casa autoriza-se a inferir que se sente próximo das pessoas que estão à sua volta, ao redor de sua casa. Contudo, refere pouca convivência nesse aspecto, mas que, ao parar para pensar nisso, quer “[...] ter mais convívio dentro da comunidade”.

A expressão “já estou me dando um puxão de orelha” pode suscitar um sujeito autocrítico, que se penitencia, de certa forma, por não ter percebido algo que revela nesse momento importante “pensando em modificar a minha vida”, em que lhe é despertado o desejo de ter mais contato com as pessoas.

O assunto a ser abordado nos próximos parágrafos trata do que foi silenciado, sobre aquilo que ficou marcado pelo não-dito: a sexualidade. Faz-se importante registrar que durante as mais de 120 horas de transcrições das falas dos sujeitos-idosos, não foi mencionado nem de longe, muito menos de perto esse assunto. Ressalta-se que não era algo que tivesse obrigação de aparecer, mas o que chama a atenção é que os sujeitos trouxeram à tona uma infinidade de outros tópicos que não haviam sido questionados, mas que marcaram sua presença. E a sexualidade marcou presença pela ausência.

Desse modo, por meio da escuta discursiva, percebe-se que vários outros assuntos que, em um primeiro momento, não tinham nada a ver com a pergunta “como foi a atividade de hoje para você?”, feita ao final das atividades nesse programa, surgiram espontaneamente. Talvez também esses assuntos se fizessem necessários para chegar até o assunto principal que queriam colocar naquele momento ou estariam simplesmente fora de contexto mesmo. Com

isso, diz-se que a questão da sexualidade poderia ter passeado nesse caminho discursivo, mas não o fez. Sendo assim, citam-se alguns exemplos, das mais variadas falas dos sujeitos: “[...] *vocês me desculpe [sic] pelo meu desabafo, mas eu me emocionei, lembrando da cachorrinha que nós perdemos o mês passado*” (S01); “[...] *pra [sic] mim, chegar dentro de um ônibus e vê [sic] uma pessoa da universidade falando um palavrão, pra [sic] mim é o fim do mundo, eu fico irritado*” (S02); “[...] *agradecendo a Deus por eu ter ainda condições, mesmo andando de bengala, ainda ando*” (S03); “[...] *nós tínhamos uma chácara muito grande, nós atravessávamos um córrego*” (S04); “[...] *controlar o peso porque eu não faço muita dieta*” (S06); “[...] *às vezes tem aniversário e a pessoa assim não me convidou, eu fico alegre, deixa assim, eu fico a mesma coisa*” (S08); “[...] *Eu tô [sic] pra [sic] mudar desse apartamento há três anos e não mudo*” (S09); “[...] *meu hobby mesmo é pintar telas*” (S10); “[...] *do dia 8 até hoje deixei de fumar*” (S11); “[...] *reformei minha sacada lá, minha área, e não foi nada, paguei quase R\$ 2.000,00*” (S12); “[...] *como a gente guarda aquela mágoa porque falam que a sogra é que não presta*” (S13); “[...] *eu acho assim, o futuro a Deus pertence*” (S15); “[...] *Quando dei por mim, estava caído, de óculos, de relógio, não me machuquei nada*” (S17); “[...] *senti saudades da minha mãe falecida que eu a amava*” (S19); “[...] *meus ossos me doem dos pés à cabeça*” (S20); “[...] *a gente roubava jabuticaba na casa do vovô*” (S25); “[...] *esses dias senti uma dor na unha*” (S26); “[...] *foi a vigilância sanitária lá no consultório e pediram um papel lá do raio x*” (S27); “[...] *na minha rua tem um buraco, foi chamado a Casan, mas não conseguiram arrumar*” (S29); “[...] *eu tive um professor que ele deixava todo mundo colar*” (S30); “[...] *dancei até a despedida de solteira, o fulano não dança, mas até hoje sinto cócegas nos pés*” (S31).

Diante dos enunciados, percebe-se que existe uma riqueza de sentidos nesses discursos que poderiam ser interpretados, contudo, busca-se promover uma reflexão sobre os processos de constituição do sujeito, a respeito da sexualidade, tornando-se importante dar ênfase à ideologia, pois ela é o mecanismo que gera a emergência de certos sentidos e não outros, indicando para o sujeito um efeito de evidência. Nota-se, assim, que “enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com língua e com a história para que haja sentido. [...] é também a ideologia que faz com que haja sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 48). Dessa forma, pode-se afirmar que a ideologia, por ser condição para o movimento discursivo do sujeito, controla o que pode/deve ou não ser dito.

Nesse sentido, esclarece-se que o silêncio trazido aqui “não é a ausência de sons ou palavras. Trata-se do silêncio fundador ou fundante, princípio de toda significação” (ORLANDI, 2002, p. 70). Sendo assim, arriscam-se algumas hipóteses sobre esse silêncio das

palavras, como, por exemplo, será a sexualidade um assunto esquecido, ignorado ou proibido pelos sujeitos? Existe vergonha em falar sobre sexo ou sexualidade? Como que os sujeitos-idosos lidam com sua energia sexual? Não teriam mais libido? As alterações biológicas e corporais estariam implícitas nesse silêncio? Discursar sobre sexualidade mexeria com a posição discursiva de uma vovó ou vovô? Se existir preconceito, ele parte de quem? Dos próprios idosos ou da sociedade? A sociedade em geral imagina as vovós ou os vovôs com roupas sensuais ou até mesmo praticando atividade sexual?

Percebe-se que, por detrás desse silêncio, há uma espécie de censura, de moral, que impede o sujeito, consciente ou inconscientemente, de identificar-se com sua sexualidade e com os seus sentidos. Presume-se que a censura “é o sintoma de que ali o sujeito tem um problema em sua relação com o dizível. Ali o sentido seria outro. Então para o falante, o silêncio é lugar de elaboração de outros sentidos, do movimento de sua identidade [...]” (ORLANDI, 2002, p. 130).

Desse modo, reflete-se a respeito da forma como esses sujeitos se constituíram, pois se tem ciência de que a sexualidade nasce com o sujeito, e a forma que com que esse assunto é tratado desde a infância é de suma importância para continuar a propagar esses efeitos de sentidos vivenciados. Sendo assim, esse silêncio carregado de sentido emerge outros questionamentos: como a sexualidade era tratada pelas famílias nas décadas de 40, 50 e 60? De que maneira a sexualidade foi inscrita na construção da identidade sexual desses sujeitos?

Resta dizer que, discursivamente, essa questão da sexualidade poderia ter aparecido, mas não o fez em palavras. Foi inferido pela manifestação do seu silêncio, que, por sua vez, tem significância própria.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dispositivos teóricos da Análise de Discurso, tais como condições de produção, formações discursivas e ideológicas, memória discursiva, formações imaginárias, entreteio, silêncio, entre outros, possibilitaram levantar hipóteses interpretativas a respeito das possíveis alterações nos aspectos cognitivos e funcionais dos sujeitos.

Diante disso, conforme as interpretações realizadas, os sujeitos-idosos percorrem um caminho novo até então, sendo a primeira descoberta voltada para a própria máquina, pois a maioria deles não havia ainda entrado em contato direto com o computador, muito menos a internet. Nesse sentido, essa nova ferramenta pode alterar sua posição discursiva em que se encontrava excluído digitalmente e, depois do programa interventivo, passou a ser incluído virtualmente.

Abre-se espaço para a reflexão sobre o contexto sócio-histórico em que esses sujeitos estavam inseridos nos últimos 50 anos, em que houve um avanço tecnológico, muitas vezes, difícil de ser totalmente apreendido, em que se depara com sentidos, palavras, termos, conceitos completamente alheios ao seu arcabouço discursivo, mas que não é impeditivo para se apropriar dos conhecimentos que são gerados nesse programa.

Durante esse novo processo, para muitos sujeitos, percebe-se que discursivisaram sobre as suas formações imaginárias, desvelando seus sentimentos, seus medos infantis, medo da máquina, medo de quebrar/deletar, e que, em contrapartida, mostraram sua curiosidade, alegria e vontade de aprender. Nota-se que há uma representação da memória discursiva que repete um discurso pré-construído, pois os sentidos já-ditos por alguém têm ainda um efeito significativo sobre o discurso e o sujeito.

Em outra direção, teve-se oportunidade de conhecer outros dizeres que emergem quando o sujeito-idoso passa a usar o computador, balançando as relações de poder com os seus familiares, em que se supõe uma inversão de papéis, pois os idosos tomam o lugar das crianças que não podem mexer em tudo, que precisam respeitar os limites impostos agora pelos familiares, submetidos, talvez, a um poder que um dia tenha lhes pertencido.

Já o discurso midiático marca presença na possibilidade de construção dos sentidos a respeito das questões do envelhecimento, pois, muitas vezes, imprimem o desejo de adquirir a “fonte da juventude”, com a promessa implícita de conferir poder e até subjetividade, sendo esta roda viva movida pelo sistema capitalista, podendo esse sugerir o modo de agir, de sentir e de ser sujeito.

Surgiu também uma reflexão a respeito das palavras “velho”, “idoso” e do termo “terceira idade”, quando houve manifestações que convergem e divergem, em que se tem a impressão de que os próprios sujeitos-idosos não foram ouvidos quando alguém determinou a faixa etária da “*melhor idade*”. Com isso, observa-se uma falta de identidade por partes dos sujeitos-idosos, em que talvez o sujeito não concorde com tal condição, dificultando a aceitação de si, tendo influências na sua vida e, conseqüentemente, no desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e funcionais.

Nota-se, também, que o discurso desvela-se por meio do lúdico (jogos), trazendo certas formações imaginárias, “*meu avô dizia que baralho era coisa do diabo*”, que evidenciam um bloqueio para o aprendizado dos mesmos, bem como de outros aprendizados com configuração semelhante, sendo autorizado apenas a jogar “*burro*”, podendo esse ser a metáfora de um significante negativo para o sujeito. Logo, entende-se que o sujeito é fisgado pela ideologia e atravessado por palavras que não originaram de si, mas migram para seu discurso.

A questão de tirar “[...] *um tempo para mim*” torna-se interessante, pois o sujeito associa esse novo aprendizado com um tempo para si. Expondo essa expressão em âmbito geral, é conveniente refletir o quanto de ‘nós’ existe nesse discurso, o quanto esse discurso é comumente utilizado por todos ‘nós’, subentendendo que o indivíduo passa uma vida ‘roubando’ um tempo, que já é seu, para si mesmo.

Chama a atenção a participação dos sujeitos-idosos com poucos anos de estudo formal, pois se presume que esse novo aprendizado só seria possível após a alfabetização. Mas, talvez não seja nessa mesma ordem para esses sujeitos em questão, permitindo que essas novas ferramentas, computador e Internet, sirvam tanto no que tange à alfabetização quanto no que diz respeito à estimulação e reabilitação cognitiva/funcional. Pode-se depreender que a alfabetização, ou a ausência dela, é fator de reabilitação ou demência já definida pelo meio em que os sujeitos passaram sua vida e que são eles que, na verdade, devem definir como se alfabetizar/incluir no mundo.

A possível alteração na capacidade funcional também marca presença “[...] *eu tô [sic] tentando dirigir [...] comecei a ir na [sic] academia [...]*”. Talvez o contexto construído nesse espaço de aprendizagem favoreça a produção desses discursos, pois se trata de um grupo formado por sujeitos da mesma idade e que, teoricamente, identificam-se mais facilmente, pulsionando buscar outros sentidos dentro do seu universo discursivo.

Quando o assunto é memória fisiológica, os sujeitos relatam a sua autopercepção do funcionamento da sua memória, evidenciando alterações que remetem a alguns

questionamentos inquietantes, pois não se alcança o que muda efetivamente, e nem o que contribui para essa mudança. Sabe-se, apenas, que algo modificou. Hipotetiza-se que, talvez, a ‘Oficina da Lembrança’ seja um primeiro passo em direção às novas decisões cognitivas e funcionais na vida desses sujeitos, mas que só ela, isoladamente, não teria condições de eliciar discursos profundos como os que se teve oportunidade de ler.

Faz-se uma breve reflexão a respeito da importância desse convívio social na vida dos sujeitos que corrobora, de certa forma, com o parágrafo anterior sobre uma possível ligação dos benefícios de várias atividades desenvolvidas entre si. Diante disso, a banda de Möebius é colocada nessa discussão, imaginando que os sujeitos caminhem por sua superfície, pois valorizam, muitas vezes, não a atividade nela mesma, e sim o que esse convívio desperta em seu ser, sendo possível ecoar em outras esferas, como na sua vida dentro da comunidade.

A sexualidade significou por meio do silêncio, tornando-se visível pela ausência, não era um assunto que tivesse compromisso de aparecer, mas o que chamou atenção foi a infinidade de outras questões que não haviam sido abordadas, mas que se fizeram presentes no discurso desses sujeitos. Nesse sentido, buscou-se promover uma rápida reflexão sobre os processos de constituição do sujeito a respeito da sexualidade, tornando-se importante dar ênfase à ideologia e percebendo uma espécie de censura, de moral, que impede o sujeito, consciente ou inconscientemente, de identificar-se com sua sexualidade e com os seus sentidos.

Mesmo diante dessas hipóteses discursivas levantadas no capítulo anterior e expostas aqui de forma sucinta, ainda havia certa inquietação quanto às possíveis alterações da capacidade/cognitiva e funcional dos sujeitos-idosos, pois, como foi dito na justificativa, esse programa possibilitou vários trabalhos quantitativos. Essa inquietação vem pelo fato de que, quantitativamente, os instrumentos de rastreio cognitivos e funcionais, em sua maioria, demonstram uma alteração positiva em favor dos sujeitos que participaram desse programa, sendo essa mudança, muitas vezes, perceptível aos olhos do facilitador desse programa, mais especificamente, da pesquisadora deste trabalho. Diz-se aos olhos, pois se notam roupas e acessórios diferentes, olhares mais atentos, novas expressões faciais e posturas corporais. Na escuta discursiva, também são percebidos outros aspectos, um tom de voz mais firme, um discurso mais elaborado. Mas, mesmo assim, pairava a pergunta: onde é apertado o botão dessas alterações? O que desperta no sujeito o desejo de mudar?

Depois de muito refletir a respeito desse assunto, apresenta-se uma hipótese conclusiva, sendo essa o próprio discurso proferido pelos sujeitos ao final das atividades da

“Oficina da Lembrança”, quando se pergunta “como foi a atividade de hoje para você?” Essa pergunta simples e despretensiosa pode eliciar no sujeito uma tomada de consciência, pois, ao discursivizar a respeito de sua autopercepção, se dê conta do seu próprio discurso, do qual não tivesse tanta clareza até então.

Mostra-se, assim, que esse processo discursivo é similar à técnica psicanalítica denominada de Associação Livre¹¹, desenvolvida por Sigmund Freud, que visa deixar o paciente falar livremente, sem que tenha que trazer algo específico. No caso da ‘Oficina da Lembrança’, ressalta-se, apenas, que quando o sujeito divagava muito longe, ele era convidado a voltar à pergunta inicial, tendo que focar na atividade daquele dia e permitindo, também, que outras pessoas tivessem vez para falar.

Diante dessa constatação, a possibilidade de aprender a utilizar o computador e a Internet servem para seduzir a entrada desses sujeitos nesse programa de estimulação e reabilitação: aqueles que sentem necessidade de se apropriar do mundo virtual ou que possuem queixa de memória, mas sozinhas essas ferramentas não significam em si. A mesma suposição pode ser empregada a respeito do aprendizado dos jogos, na busca pela alteração da memória fisiológica, no interesse pelo convívio social com seus pares. Em outras palavras, não há algo que funcione por/em si mesmo, todas as coisas caminham juntas.

Essa suposição pode ser pensada das seguintes formas: com os computadores, mas sem um grupo com o qual o sujeito se identifique, provavelmente não haverá estímulos suficientes para continuar. Por outro lado, se houver contexto confiável, que lhe inspire segurança, mas sem metodologia, uma forma específica de ensinar, pode ser que o sujeito não volte. E se existir um ambiente físico confortável, com sujeitos da mesma faixa etária, que se identifiquem, ferramentas para os que queriam aprender, mas sem o espaço discursivo em que o sujeito possa falar, possa ouvir ou ser ouvido, possivelmente a participação não dure. Em resumo, cognição, conscientização e cooperação.

Caminhando numa esfera social, tem-se a impressão de que não existe tempo e nem espaço para a produção e circulação dos discursos. Atividades são feitas, sem deixar uma fresta para o sentir, para a elaboração do que se sentiu ao fazer tal coisa. Tem-se visto, no funcionamento discursivo da sociedade atual, e mais especificamente na área da saúde, a necessidade de atender inúmeros sujeitos em um espaço de tempo ínfimo, não sendo possível escutar discursivamente esse sujeito-idoso, mas apenas atendendo mais um idoso.

¹¹ Nota-se que no decorrer de todo trabalho, em nenhum momento foi feito menção a essa técnica psicanalítica, mas ressalta-se aqui, que essa possibilidade interpretativa, emergiu ao escrever as considerações finais, fazendo parte da construção de todo processo discursivo.

Com isso, observa-se que para que haja modificações as atividades precisam acontecer em conjunto com outros aspectos. Ao caminhar-se na banda de Möebius, passa-se pelo mesmo lugar uma infinidade de vezes, e ao andar mais uma vez pelo mesmo local alguma coisa se modifica. Assim, o sujeito se insere nessa dinâmica em busca de algo, guiando-se em direção de alguma coisa que lhe dê vida, que satisfaça seu desejo, em suma, que lhe imprimam efeitos de sentidos nessa jornada. Esse processo discursivo nunca termina, dizendo de outra forma, esse passeio nunca acaba, pois o sujeito está sempre elegendo algo novo como objeto de desejo, pois é o desejo humano que define as pessoas como sujeitos. Nessa perspectiva, quando o sujeito aprende algo que desejava, começa a busca pela identificação de um novo desejo, por isso, talvez, alguns sujeitos, após entrarem na ‘Oficina da Lembrança’, comecem a desejar outras coisas para sua vida, promovendo tanto a alteração do estado cognitivo como a capacidade funcional.

Percebe-se, assim, que não é a relação homem-máquina que produz o efeito das alterações cognitivas/funcionais, mas possivelmente a relação homem-discurso, envolvendo, é claro, os outros sujeitos porque ninguém fala sozinho. Esse espaço discursivo que possibilita a produção e circulação dos discursos areja algo que pode encontrar-se sufocado, permitindo “*abrir a mente*”. Esse contexto de produção e circulação dos discursos que é criado nesse programa humanizado de estimulação e reabilitação, juntamente com a articulação feita entre atividades propostas e com a pergunta feita ao final, é que pode levar o sujeito à elaboração, a significar para outro e para si.

Em suma, buscou-se, por meio dos discursos, analisar as possíveis alterações cognitivas e funcionais e, ao percorrer esse caminho diversas vezes, retornou-se aos próprios discursos produzidos pelos sujeitos-idosos.

Retornando ao programa da “Oficina da Lembrança”, fica-se à vontade para sugerir outras dinâmicas, utilizando-se novas ferramentas, que, somadas as que já existem, permitirão ao sujeito transitar nesse espaço discursivo. Nessa perspectiva, imagina-se que possam ser agregadas algumas atividades nesse programa para os sujeitos-idosos, como, por exemplo, jogos de realidade virtual (OfiGames¹²), assistir um filme (OfiCine¹³), ler um livro (OfiLetras), fazer teatro (OfiTrupe), em que essas novas atividades sirvam também de produção e circulação dos discursos, promovendo também as possíveis alterações cognitivas e funcionais dos participantes.

¹² A realidade virtual está sendo implementada nesse programa interventivo desde março deste ano, em Florianópolis, no local da realização do estágio não obrigatório da pesquisadora, e na cidade de Palhoça (SC).

¹³ Foi realizada a primeira sessão de cinema no dia 03 de junho deste ano, na cidade de Palhoça (SC).

Perceberam-se duas limitações em relação a esta pesquisa, a primeira diz respeito ao material coletado, pois não havia uma pergunta específica sobre o estado cognitivo ou sobre a capacidade funcional de cada sujeito-idoso, sendo que essas variáveis fazem parte do objetivo geral deste trabalho, o que, de certa maneira, dificultou a identificação desses. A segunda limitação se mostra pelo fato de a pesquisadora trabalhar diariamente aplicando a metodologia da ‘Oficina da Lembrança’, o que, muitas vezes, uniu os objetivos da sua pesquisa com os do próprio programa interventivo, ficando essa constante tarefa de separação para seu orientador. Mas, paradoxalmente a isso, esses dois limitadores podem também ter servido como potencializadores, pois no que tange ao material coletado, o fato de não ter uma pergunta específica sobre o estado cognitivo e a capacidade funcional permitiu que o sujeito verbalizasse aquilo que estaria mais latente e que poderá ser útil para a construção de novos conceitos de estado cognitivo e capacidade funcional. A presença diária da pesquisadora junto aos idosos, por meio dessa metodologia, pôde facilitar a exposição dos conteúdos manifestados, por sentirem-se à vontade com alguém que compartilhava experiência há algum tempo.

Em função da riqueza dos enunciados expostos nesta pesquisa, sugere-se que esses mesmos assuntos sejam explorados mais profundamente, pois, devido ao pequeno espaço de tempo para a produção deste trabalho, optou-se por sintetizá-los, mas ao mesmo tempo, tentando não se desviar do seu teor discursivo. Ressalta-se, também, as diversas questões interessantes que não foram expostas, como a religião e o convívio familiar.

Sugere-se que a gerontologia seja abordada no curso de Psicologia, pela extrema demanda dessa população crescente por profissionais capacitados, com uma escuta mais apurada, que possa planejar estratégias psicológicas de saúde individual e coletiva, contribuindo para a melhoria das Políticas Públicas de Saúde, para um processo de envelhecimento com mais vida.

Pontua-se, também, a importância de equipes de saúde inter/multidisciplinares que, com seus conhecimentos e olhares diferenciados, sejam integradoras para a promoção e prevenção da saúde dos sujeitos, explorando junto aos mesmos as diversas possibilidades, e oportunizando ao sujeito-idoso escolher e desenvolver sua autonomia de forma digna.

Por ser esta pesquisa, talvez, a primeira, ou uma das primeiras no curso de Psicologia da UNISUL a utilizar a Análise de Discurso de linha francesa, sugere-se, ainda, que novos Trabalhos de Conclusão de Curso sejam feitos com esse dispositivo teórico e metodológico, pois permite ao futuro psicólogo ampliar sua visão e sua escuta discursiva, tornando-as mais refinadas, em benefício dos sujeitos/pacientes que serão atendidos.

REFERÊNCIAS

ABRISQUETA-GOMEZ, Jacqueline et al. *A longitudinal study of a neuropsychological rehabilitation program in Alzheimer's disease*. **Arquivos de Neuropsiquiatria**. 2004; 62:778-783. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anp/v62n3b/a07v623b.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2010.

ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

ÁVILA, Lazslo Antonio. “A alma, o corpo e a Psicanálise”. **Psicologia Ciência e Profissão**, 1997, 17, (3), p. 35-39. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v17n3/06.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2011.

ANDRADE, Vivian Maria; SANTOS, Flávia Heloísa dos; BUENO, Orlando Francisco Amodeo. **Neuropsicologia hoje**. São Paulo: Artes Médicas, 2004.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002. xiv, 1674 p.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2. ed. rev. Campinas: UNICAMP, 2004.

CARVALHO, Gabrielle Sidrim de; BARBOZA, Jorge. **Avaliação fisioterapêutica da funcionalidade do idoso com bases no índice Katz e escala MIF**. Rio de Janeiro, 2008. (Monografia). Disponível em: <http://www.uva.br/cursos/graduacao/ccbs/fisioterapia_monografias/AVALIACAO-FISIOTERAPEUTICA-DA-FUNCIONALIDADE.pdf>. Acesso em: 09 out. 2010.

CONSELHO Federal de Psicologia. **Resolução nº 002/2004**, regulamenta a prática da neuropsicologia. Disponível em: <http://pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao2004_2.pdf>. Acesso em: 09 out. 2010.

CORDEIRO, Renata Cereda. Reabilitação gerontológica. In: RAMOS, Luiz Roberto; TONIOLO NETO, João. **Guia de geriatria e gerontologia**. Barueri: Manole, 2005. (Série guia de medicina ambulatorial e hospitalar).

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREITAS, Leila Karla Moraes Rodrigues. A (re)invenção da velhice: o discurso da mídia sobre o “novo idoso”. **Antropologia**, n. 06, nov. 2010. Disponível em: <http://revistaliter.dominiotemporario.com/doc/A_REIVENcaO_DA_VELHICE_-_LEILA_FREITAS_OK.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2011.

GUIMARÃES, Renato Maia; CUNHA, Ulisses Gabriel V.. **Sinais e sintomas em geriatria**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2004.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. Formações discursivas e esvaziamento de sentido. 1975. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. Uma breve história da relação entre o cérebro e a mente. In: LENT, Roberto. **Neurociência: da mente e do comportamento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

KACHAR, Vitória. **Terceira idade e informativa: aprender revelando potencialidades**. São Paulo: Cortez, 2003.

KALACHE, Alexandre. Envelhecimento populacional no Brasil: uma realidade nova. **Caderno de Saúde Pública**. v. 3 n. 3, Rio de Janeiro July/Sep, 1987. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v3n3/v3n3a01.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2010.

KALACHE, Alexandre; VERAS, Renato P.; RAMOS, Luiz Roberto. O envelhecimento da população mundial: um desafio novo. **Revista de Saúde Pública**. v. 3, n. 21, p. 200-10, 1987/b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v21n3/05.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2010.

KIENEN, Nádia. **Classes de comportamentos profissionais do psicólogo para intervir, por meio de ensino, sobre fenômenos e processos psicológicos, derivadas a partir das Diretrizes Curriculares, da formação desse profissional**. 2008. Tese de doutorado: Unisul.

LIMA, M. A. Terceira Idade e Cidadania. In: CASTRO, Odair Perugine de. **Velhice que idade é esta?** Uma construção psicossocial do envelhecimento/Org. Porto Alegre: Síntese, 1998.

LIMA-COSTA, Maria Fernanda; VERAS, Renato. Saúde pública e envelhecimento. **Cad. Saúde Pública**, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000300001&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 25 abr. 2010.

LOMBARD-PLATET, Vera Lúcia Varanda; WATANABE, Olga Maria; CASSETARI, Leila. **Psicologia Experimental**: manual teórico e prático de análise do comportamento. 2. ed. São Paulo: EDICON, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de S.. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. v. II, 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2002.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

RAMOS, Marília P. Apoio social e saúde entre idosos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 7, Jan/jun, 2002, p. 156-175. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n7/a07n7.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2010.

RAMOS, Luiz Roberto. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. **Cad. Saúde Pública**, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000300011&lng=>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

_____. A mudança de paradigma na saúde e o conceito de capacidade funcional. In: RAMOS, Luiz Roberto; TONIOLO NETO, João. **Guia de geriatria e gerontologia**. Barueri: Manole, 2005. (Série guia de medicina ambulatorial e hospitalar).

RICCI, Natalia Aquaroni; KUBOTA, Maristela Tiemi; CORDEIRO, Renata Cereda. Concordância de observações sobre a capacidade funcional de idosos em assistência domiciliar. **Revista de Saúde Pública**. v. 54, n. 39, p. 655-62, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rsp/v39n4/25540.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2010.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; GASPARG, Nádea Regina. **Discursos midiáticos: sentido de memória e arquivo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

ROSA, Tereza Etsuko da Costa et al. Fatores determinantes da capacidade funcional entre idosos. **Revista de Saúde Pública**. 2003; 37(1):40-8. Disponível em: <www.fsp.usp.br/rsp>. Acesso em: 09 out. 2010.

SILVA, André do Eirado et al. Estratégias de pesquisa no estudo da cognição: o caso das falsas lembranças. **Psicologia & Sociedade**. 2010, vol. 22, n. 1, pp. 84-94. Disponível em: <<http://www.scielo.br/psoc/v22n1/v22n1a11.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2010.

SOHLBERG, McKAY MOORE; MATEER, Catherine. A. **Introduction to Cognitive Rehabilitation: Theory and Practice**. New York: The Guilford Press, 1989. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/psycinfo/1989-97375-000#toc>>. Acesso em: 15 out. 2010.

VANDENBOS, Gary R. (Org.). **Dicionário de psicologia**: American Psychological Association: APA. Tradução Daniel Bueno, Maria Adriana Veríssimo Veronese e Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2010. xiii, 1040 p.

XAVIER, André Junqueira; SIGULEM, Daniel; RAMOS, Luiz Roberto. **Estado cognitivo, capacidade funcional e o processo de Inclusão Digital de idosos**. Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2007. Disponível em: <http://www.disacad.unifesp.br/pg/..%5Csap%5Carquivos%5Carq_24.pdf>. Acesso em: 20 set. 2010.

XAVIER, André Junqueira; RAMOS, Edla Maria Faust. **Cognição, Interação e Envelhecimento: Estudo Exploratório a Partir de Oficinas de Internet**. 2002. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Computação) - Universidade Federal de Santa Catarina.

ZIMERMAN, Guite I.. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

WONG, Laura L. Rodríguez; CARVALHO, J. A.. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil: sérios desafios para as políticas públicas. **Revista brasileira de estudos de população**. São Paulo, v. 23, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000100002&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 25 abr. 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Declaração de ciência e concordância das instituições envolvidas

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
Av. José Acácio Moreira, 787 - Bairro Dehon - Cx. Postal
370
88704-900 - Tubarão - SC
Fone: (48) 621-3000

**DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS
INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS**

Local e data: Florianópolis, 23 de novembro de 2010.

Com o objetivo de atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP-UNISUL, os representantes legais das instituições envolvidas no projeto de pesquisa intitulado "Discurso dos idosos participantes da oficina da lembrança sobre as alterações cognitivas e funcionais: estudo com base na Análise do Discurso de linha francesa" declaram estarem cientes e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, lembrando aos pesquisadores que na execução do referido projeto de pesquisa, serão cumpridos os termos da Resolução 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde.

Ass. Pesquisador responsável (UNISUL)
Professor Maurício Eugênio Maliska, Dr.

Ass. do responsável pela Instituição (UNISUL)
Professor Paulo Roberto Sandrini
(Coordenador de Curso)

Ass. do responsável da outra Instituição
Professor André Junqueira Xavier, Dr.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL
Cep.contato@unisul.br, (48) 3279.1036

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), de uma pesquisa que tem como título "Discurso dos idosos participantes da oficina da lembrança sobre as alterações cognitivas e funcionais: estudo com base na Análise do Discurso de linha francesa". A pesquisa tem como objetivo “analisar o discurso dos idosos participantes da oficina da lembrança sobre as alterações cognitivas e funcionais, interpretando-o a partir da análise do discurso”.

Estima-se que em 2020 o Brasil terá a sexta maior população idosa no mundo com cerca de 32 milhões de idosos. (LIMA-COSTA; VERAS, 2003). Buscando a prevenção primária, secundária e talvez a terciária das alterações cognitivas no idoso, surge o papel da Reabilitação Cognitiva (RC). Este processo de RC pode ser aplicado por meio de sistemas computacionais em rede, em que as informações são armazenadas facilmente; onde os déficits cognitivos podem ser compensados pela interação com sistemas computacionais para otimizar as capacidades humanas, com ênfase em problemas cognitivos. Desta forma, esta pesquisa traz algumas reflexões, dentre elas, sobre o trabalho do Psicólogo dentro deste abrangente universo, onde ainda percebe-se certo distanciamento com esta temática.

Esta pesquisa será realizada com os idosos participantes do processo de reabilitação cognitiva e funcional “Oficina da Lembrança”. Durante as oficinas, as falas dos participantes serão anotadas em uma folha de observação e, ao final da aula, as falas serão gravadas para que tudo possa ser registrado de forma fidedigna. Depois a pesquisadora fará a transcrição fiel da gravação, evitando mudar o que você disser na entrevista.

Você não é obrigado (a) a responder a todas as perguntas e poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento (antes, durante ou depois de já ter aceitado participar dela ou de já ter feito a entrevista), sem ser prejudicado (a) por isso. A partir desta pesquisa, como benefício, você poderá aprender como estimular e/ou reabilitar seu estado cognitivo e/ou funcional. Como o objetivo da pesquisa é “analisar o discurso dos idosos participantes da oficina da lembrança sobre as alterações cognitivas e funcionais, interpretando-o a partir da análise do discurso”, não são previstos desconfortos durante este processo de observação. Mas, caso você se sinta desconfortável durante qualquer momento, é importante que diga isso ao (à) pesquisador(a) para que ele (ela) possa auxiliá-lo(a).

Você poderá, quando quiser, pedir informações sobre a pesquisa ao(à) pesquisador(a). Esse pedido pode ser feito pessoalmente, antes ou durante as aulas, ou depois delas, por telefone, a partir dos contatos do pesquisador que constam no final deste documento.

Todos os seus dados de identificação serão mantidos em sigilo e a sua identidade não será revelada em momento algum. Em caso de necessidade, serão adotados códigos de identificação ou nomes fictícios. Dessa

forma, os dados que você fornecer serão mantidos em sigilo e, quando utilizados em eventos e artigos científicos, assim como em campanhas de prevenção, a sua identidade será sempre preservada.

Lembramos que sua participação é voluntária, o que significa que você não poderá ser pago, de nenhuma maneira, por participar desta pesquisa.

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar desse estudo como sujeito. Fui informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Lenemar Nascimento Pedroso sobre o tema e o objetivo da pesquisa, assim como a maneira como ela será feita, os benefícios e os possíveis riscos decorrentes de minha participação. Recebi a garantia de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me traga qualquer prejuízo.

Nome por extenso: _____

RG: _____

Local e Data: _____

Assinatura: _____

Pesquisador Responsável (professor orientador): Professor Dr. Maurício Eugênio Maliska

Telefone para contato: (48) 3279-1084 ou (48) 91058251

Outros Pesquisadores (aluna orientanda): Lenemar Nascimento Pedroso

Telefone para contato: (48) 9986 7338

APÊNDICE C - Consentimento para fotografias, vídeos e Gravações



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL
CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES

Eu _____ permito que os pesquisadores relacionados abaixo obtenham:

- (X) fotografia,
(X) gravação de voz,
() filmagem ou gravação em vídeo de minha pessoa para fins de pesquisa científica, médica e/ou educacional.

Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do sujeito da pesquisa e/ou paciente: _____

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

Nome dos pais ou responsáveis: _____

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

Se o indivíduo for menor de 18 anos de idade ou legalmente incapaz, o consentimento deve ser obtido e assinado por seu representante legal.

Nomes completos dos pesquisadores: Professor: Dr. Maurício Eugênio Maliska Fone: (48) 32791084/91058251
Acadêmica: Lenemar Nascimento Pedroso (48) 99867338

Data e Local onde será realizada a pesquisa: _____